



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

COMUNICAÇÃO RELIGIOSA CATÓLICA E ALDEIA GLOBAL:
EVANGELIZAÇÃO DA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Rafael Nunes Godinho

Rio de Janeiro/RJ
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

COMUNICAÇÃO RELIGIOSA CATÓLICA E ALDEIA GLOBAL:
EVANGELIZAÇÃO DA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Monografia de graduação
apresentada à Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Comunicação Social,
Habilitação Jornalismo.

Rafael Nunes Godinho
Orientador: Marcio Tavares d'Amaral

Rio de Janeiro/RJ
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

GODINHO, Rafael Nunes.

Comunicação Religiosa Católica e Aldeia Global: Evangelização da Sociedade Pós-Moderna. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO.

Orientador: Marcio Tavares d'Amaral.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Comunicação Religiosa Católica e Aldeia Global: Evangelização da Sociedade Pós-Moderna**, elaborada por Rafael Nunes Godinho.

Monografia examinada:
Rio de Janeiro, no dia 17/07/2013

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Marcio Tavares d'Amaral
Doutor em Letras pela UFRJ
Professor Emérito de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Fernando Antonio Soares Fragozo
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmman
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro/RJ
2013

Dedicatória

À XXVIII Jornada Mundial da Juventude
JMJ Rio 2013

Ao Ano da Fé (2012-2013)



Agradecimentos

Aos meus preciosos pais, Regina e Reinaldo
À virtuosa Márcia Cristina Mendes dos Santos
Ao heroico padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior
Aos tantos benfeitores e exemplos de minha vida
Ao santo Senhor DEUS que tudo providencia

GODINHO, Rafael Nunes. **Comunicação religiosa católica e Aldeia Global: Evangelização da Sociedade Pós-Moderna**. Orientador: Marcio Tavares d'Amaral. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

Resumo

Comunicação Religiosa na Aldeia Global: Evangelização da Sociedade Pós-Moderna. Desafios e soluções para exercício da Comunicação Religiosa e Evangelização, no contexto da Pós-Modernidade. A dimensão comunicacional de Deus. A Palavra: aspecto teológico, dimensão transcendente e práticas comunicacionais. A comunicação leiga na interação com a sociedade. O desafio de flexibilizar a comunicação (forma) de uma mensagem imutável (conteúdo). A contribuição dos valores cristãos para a Comunicação, especialmente jornalismo e publicidade.

Palavras-chave: Comunicação, Comunicação Religiosa; Aldeia Global; Pós-Modernidade; Evangelho; Evangelização; Igreja Católica; Cristianismo; Jornada Mundial da Juventude

Sumário

1. Introdução

2. Pós-Modernismo X Comunicação Religiosa Católica

2.1. A Aldeia Global

2.2. A Pós-Modernidade

2.3. Comunicação Religiosa Católica e Evangelização

3. Panorama Histórico da Comunicação Religiosa Católica

3.1. Comunicação Religiosa Católica até a Pós-Modernidade

3.2. Comunicação Religiosa Católica na Atualidade

3.2.1. Passos rumo à Nova Evangelização

4. Conclusão

Conclusões alcançadas ao longo do trabalho

5. Referências bibliográficas

1. INTRODUÇÃO

A intenção do presente trabalho é analisar a possibilidade das linhas de comunicação cabíveis à Igreja Católica num momento de grande desafio, a dizer o contexto da pós-modernidade. Para isso, pretendemos realizar uma abordagem menos instrumental, processual ou estatística, e mais reflexiva. Portanto, nesse trabalho não nos detemos tanto às formas técnicas e aos meios de comunicação em si, muito menos buscamos analisar um específico objeto midiático, mas sim queremos pensar o contexto midiático em que vivemos, as suas implicações para a vida da fé e a possibilidade de Evangelizar. É evidente que questões tão complexas ultrapassam as capacidades e proporções de uma monografia de graduação, no entanto acreditamos que uma abordagem sobre o assunto é possível nesse trabalho, desde que de maneira precisa na abordagem e panorâmica quanto à abrangência.

Diante de tão vasto contexto, grande como o mundo ocidental, nada melhor do que, no mínimo, limitá-lo de forma organizada. Antes de mais, logo no primeiro capítulo objetivamos retratar e compreender o nosso tempo. Ao falar da Aldeia Global, concepção idealizada inicialmente por Marshall McLuhan, falamos sobre a parte técnica da sociedade, com suas conquistas destacadamente em relação aos meios de comunicação. Apesar de tantas tecnologias e facilidades de interação, observamos que o ser humano permanece o mesmo em suas questões básicas: muita coisa mudou na história da humanidade, muitas descobertas tecnológicas foram feitas, mas podemos dizer que o ser humano ainda anseia pelas mesmas coisas fundamentais, embora usufrua das novas ferramentas disponíveis. Além disso, tratamos então sobre os dois lados sombrios das tecnologias midiáticas: unindo os que estão longe, mas separando os que estão perto, a *Galáxia de Gutenberg* pode se tornar também a Galáxia de Rafael, a Galáxia de Marcos, a Galáxia de João ou a Galáxia deste ou daquele outro indivíduo – galáxias particulares sob demanda puramente pessoais, que, ironicamente, parecem nos *libertar*, mas para um mundo hermético, trancando lá fora todo o resto do mundo real, que prossegue mesmo em nossa ausência.

Já na parte referente à Pós-Modernidade, buscamos fazer um retrato panorâmico da própria sociedade contemporânea. Ali procuramos abordar as características gerais de seu (nosso) modo de pensar e de agir, e a motivação para

certas atitudes e disposições coletivas e individuais. Num ambiente de grandes e rápidas mudanças, ser *moderno* é também ser ‘legal’, mas ser conservador – como o é a Igreja Católica – pode ser bastante ruim. Ao mesmo tempo, há uma tendência de buscar a praticidade não só nas soluções do cotidiano, tão dinâmico e exigente, como também no pensamento e nos métodos, em prol da eficácia ou da utilidade. É preciso crescer profissionalmente, ganhar dinheiro, poupar tempo, ter beleza, ser sensual, magro, simpático, interessante: apesar da ideologia relativista – uma das características de nosso tempo – essas são algumas exigências supostamente axiomáticas que parecem atropelar mesmo as bases morais da própria sociedade, mediante dogmas contraditórios de uma sociedade que proíbe dogmas. Num momento como esse, é concebível que a Igreja Católica, em cuja moral os fins não justificam os meios, figure na lista dos maiores inimigos da cultura pós-moderna.

Na divisão seguinte deste trabalho, tratamos da missão da Igreja Católica, no que diz respeito à comunicação religiosa e à Evangelização. Que missão é essa, e como se deu seu surgimento? Para tratar dessa e de outras questões, o Evangelho e demais livros do chamado Novo Testamento são um essencial registro de relatos e reportagens, diversos mas convergentes, talvez de grande eloquência jornalística. Falamos então da Palavra de Deus: fruto de uma revelação divina, ela é, ao mesmo tempo, o ponto de partida e o objetivo a ser alcançado. Mas a *palavra* também é o espírito da Aldeia, de forma que mesmo as mais básicas sociedades não sobrevivem sem a sua dimensão social, imanente e transcendente. Ela é fundamental para expressarmos a realidade que vivemos não apenas entre nós, mas inclusive para nós mesmos. Conforme o Catolicismo, Jesus Cristo é a Palavra de Deus (a palavra por excelência) concretizada na história (a comunicação perfeita do Amor entre Deus e os homens) e presente por meio da própria Igreja, tida como o Corpo de Cristo.

No tópico posterior, falamos sobre o desenrolar da missão da Igreja na história ocidental. A história da Igreja e de sua comunicação é tão vasta como seus dois milênios, logo não tivemos a mínima intenção de abrangê-la por completo, ou até mesmo em todos os seus pontos principais, que também são muitos e complexos. O objetivo e a importância desse tópico, no entanto, é falar justamente sobre a riqueza dessa trajetória e dar uma ideia de como a comunicação religiosa se desenvolveu, e em prol da Evangelização, em que pesem os diferentes contextos sociais. Ao mesmo tempo, mostrar, em linhas bem gerais, como chegamos aos dias

hoje.

Uma vez ciente da fecundidade de tal caminho, nosso leitor é convidado a conhecer, analisar e refletir acerca das linhas de ação por parte da Igreja Católica na contemporaneidade no que diz respeito à comunicação. Conforme destacamos acima, desde o início optamos por não eleger qualquer único objeto midiático, como uma publicação, uma estação de rádio, uma emissora, um site na internet; mas sim trabalhar em cima de outra esfera menos acidental ou contingente, num mundo em constante mudança, isto é: A comunicação religiosa ainda faz sentido?

Ao fim desse trabalho, desejamos que o leitor tenha à sua disposição importantes subsídios para, enfim, responder por si a questões como: Em que direção caminha a comunicação da Igreja Católica? Qual é a importância da internet nesse processo? As posições doutrinárias da Igreja Católica interferem no sucesso de sua comunicação? As necessidades da Igreja no campo da comunicação correspondem ao que lhe sugerem os agentes externos a ela? Há espaço para a Igreja Católica nos dias de hoje e daqui para frente, considerando seu conteúdo de natureza dogmática? A dissolução decretada do transcendente na cultura pós-moderna impossibilita a sobrevivência da Igreja Católica? Há espaço no mundo autossuficiente para uma Nova Evangelização? A mensagem perene da perfeita Caridade, como quer ser o Evangelho, tem data de validade no dinâmico mundo dos homens?

2. PÓS-MODERNIDADE X COMUNICAÇÃO RELIGIOSA CATÓLICA

Neste capítulo, pretendemos fazer um retrato panorâmico da sociedade atual, por um lado, e do nosso objeto, Igreja Católica, por outro. Apenas por organização da abordagem, ele está dividido em três partes. Na primeira, chamada Aldeia Global, abordamos o aspecto mais técnico de nossa sociedade e suas implicações para a vida. Numa realidade em que a tecnologia parece tão presente, essa mesma tecnologia também se faz importante para compreender seu funcionamento? No segundo subcapítulo, prosseguimos falamos sobre a sociedade contemporânea, indo além do aspecto técnico tratado na parte anterior e adentrando num panorama mais cultural e ideológico. Já no terceiro segmento, introduzimos o objeto Igreja Católica como agente de comunicação, bem como um fragmento de sua teologia.

2.1 Aldeia Global

"Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande,
mas é um mundo grande que está dentro do pequeno.
Baste por prova o coração humano, que, sendo uma pequena parte do homem,
excede na capacidade à toda a grandeza do mundo."
Padre Antonio Vieira (séc. XVII), Sermão de São Roque

Sobretudo após o advento da internet, e sua popularização e desenvolvimento, sempre em progresso, cada vez mais nossa sociedade parece se assemelhar a uma Aldeia Global. A expressão foi cunhada pelo comunicólogo canadense Marshall McLuhan (1911-1980), em seu livro “A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico” (*The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*), já em 1962. O princípio deste conceito é o de um mundo interligado, com estreitas relações econômicas, políticas e sociais, fruto da evolução das tecnologias da informação e da comunicação. Tais tecnologias teriam a qualidade de diminuir (às vezes anular) não só as distâncias geográficas, mas também as incompreensões entre as pessoas mediante uma comunicação mais perfeita. Ao mesmo tempo, essas técnicas seriam ativas promotoras de uma consciência global, à medida que, quanto mais avançadas fossem, mais eficaz e completa seria a comunicação.

Dessa maneira, aquele teórico da comunicação (e aí longe de menosprezá-lo, apesar do sentido negativo que tem tido o termo “teórico”, opondo-se ao

“prático”) referir-se-ia a uma nova forma de organização social, proporcionada pela mídia eletrônica. Esta, ao alterar os processos cognitivos, suplantaria a cultura impressa, por si mesma socialmente fragmentária. A profunda ligação entre as regiões do globo, permitida pelas tecnologias de informação e comunicação, como dissemos, originaria uma poderosa teia de dependências mútuas. Desse modo, promoveria a solidariedade e a luta pelos mesmos ideais, ao nível, por exemplo, da ecologia e da economia, em prol do desenvolvimento sustentável da Terra, o meio ambiente da Aldeia Global. Conforme McLuhan, os meios eletrônicos levariam a humanidade a uma identidade coletiva com característica tribal, novamente não em sentido pejorativo do “primitivo” como oposto do “moderno”, mas à semelhança de uma comunidade coesa, orgânica, sistêmica, e, de certo modo, simples e unitária.

Tudo isso já dizia McLuhan a partir dos anos 1960, observando materialmente o rádio e, em especial, a televisão, ainda que meios de comunicação unidirecionais por conceito. Sua concepção de Aldeia Global, à época do livro, já se havia tornado popular, mas ele sequer chegara a vislumbrar todo o incalculável potencial contido numa sequência *www*. Entretanto, com o nascimento e difusão da Internet, e, portanto, de uma tecnologia especificamente multidirecional, o conceito de Aldeia Global começou a se tornar muito mais palpável e compreensível. No entanto, ainda ficava no ar uma dúvida sobre como seria o futuro depois disso. Com efeito, hoje, como que imersos justamente na *World Wide Web*, ainda nos perguntamos onde chegamos e aonde chegaremos.

De fato, parece que vivemos uma espécie de *galáxia*. Por este termo, destacado já no título de sua obra, referia-se McLuhan à constelação de eventos decorrentes da invenção vinculada ao alemão Johannes Gutenberg (1398-1468), ou seja, a tecnologia tipográfica (McLUHANN, 1977, p. 15). Tal aparato do século XV, responsável pela revolucionária substituição do manuscrito pelo texto impresso, criou, segundo McLuhan, um novo ambiente – o *público* – e foi uma condição *sine qua non* para o surgimento da assim chamada Idade Moderna e, enfim, os tempos atuais.

A propósito, diante dessa informação, interessa-nos inclusive destacar que foi considerada pelo próprio autor a possibilidade de empregar a expressão “meio ambiente”, no lugar de Galáxia, no sentido de que “qualquer nova tecnologia de transporte ou comunicação tenderia a criar seu respectivo meio ambiente humano”

(Ibidem, 15). Além disso, considerou o estudioso que “ambientes tecnológicos não são recipientes puramente passivos de pessoas, mas ativos processos que remodelam pessoas e igualmente outras tecnologias” (Ibidem, 15), destacando o aspecto dinâmico do fenômeno tecnológico. Mais tarde, em 1967, McLuhan, tendo desenvolvido melhor essa afirmação, publicaria a sua conhecida obra “O meio é a mensagem” (*The Medium is the Message: an inventory of effects*), de 1964, embora tenha chegado ao excesso de menosprezar o conteúdo da informação em detrimento da sua forma de transmissão (BRIGGS & BURKE, 2006, 21).

A expressão “meio ambiente” não ficou explícita no título de “A Galáxia”, mas a concepção de McLuhan acerca de um modelo comunicacional socialmente ativo e transformador permaneceu. Foi assim que ele concebeu a escrita, sem a qual seria impossível o surgimento das cidades. Dessa forma, as inovações de cunho midiático seriam tão transformadoras quanto aquelas de natureza meramente técnica – aliás, conforme ele, a transição rápida entre a tecnologia mecânica da roda e a tecnologia do circuito elétrico representou uma das maiores mudanças de todo o tempo histórico. Hoje em dia, poderíamos elencar também uma série de inovações tecnológicas recentes que, mesmo se não foram tão drásticas quanto a roda e a eletricidade, têm contribuído decisivamente para o modo como vivemos e a época em que nos situamos, sugestivamente apelidada Era da Informação. Algumas dessas atuais inovações seriam os microprocessadores, as interfaces amigáveis, a fibra ótica, a banda larga, a internet Wi-fi, 3G e 4G; a tecnologia bluetooth, smartphones e tablets, imagens HD, vídeo 3D etc.: invenções que, ainda que sejam em breve suplantadas por outras tecnologias mais avançadas, também já são decisivas para a definição do futuro.

Desde já, e cada vez mais, as novas tecnologias incrementam nossas experiências sensoriais e possibilitam o imediatismo das interações sociais, nos moldes das relações em tempo real de uma modesta aldeia, porém com o espantoso diferencial da amplitude planetária. Conforme surgem e se aperfeiçoam os novos dispositivos comunicacionais – televisores, computadores, aparelhos celulares, tablets – ganhamos extensões de nosso próprio corpo, como, a propósito, tratou o próprio McLuhan (BRIGGS & BURKE, 2006, 185). Nossos ouvidos escutam vozes muito mais que longínquas, nossos olhos enxergam além do horizonte, nossa fala chega onde nunca estivemos. Tais realidades sem dúvida aumentam nosso conforto

(e dependência, escravidão e angústia), além de nos encherem de surpresa diante do poder do ser humano demonstrado em sua tecnologia.

Assim, não é raro que nos perguntemos: Qual será a próxima novidade? Como vamos nos comunicar? Como gerir tanta informação? Tais indagações, aparentemente práticas e curiosas, estão profundamente vinculadas à outra questão mais séria: Como será nossa vida? Com efeito, são tantas as mudanças dos últimos séculos, décadas, anos, meses e semanas, que, ao passo dessas transformações, tendemos a conceber o dia de amanhã com ansiedade. Se, além disso, abarcamos em pensamento também aqueles indivíduos que já hoje em dia não conseguem acompanhar a tecnologia, o desconforto chega a tocar alguma insegurança quanto à própria subsistência.

No entanto, diante de tantas novidades materiais, não deve nos escapar que, afora o aspecto quantitativo dos indivíduos, tanto a *primitiva* aldeia quanto o *avançado* mundo atual compartilham aquilo que é mais *fundamental*. Ali como aqui, temos a complexidade do ser humano e de suas relações, com suas disputas e afetos, rivalidades e alianças, harmonias e inimizades, intrigas e solidariedade. Da mesma forma, tanto numa aldeia quanto no mundo há um ser humano grande e pequeno, com suas paixões e angústias, desejos e carências, conquistas e perdas. Isso para dizer que as inovações tecnológicas não parecem ter modificado a humanidade em seus dramas e em sua personalidade. Em outras palavras, de tantas coisas que mudaram, o ser humano permanece o mesmo em seus desejos e necessidades básicas. E aí nos parece propício um campo de reflexão no que diz respeito à comunicação religiosa, e nos traz à recordação aquilo que nos diz o lusitano padre Antônio Vieira, do século XVII:

O mar, com ser um monstro indômito, em chegando às areias, para; as árvores, onde as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar para, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição nem apetite o farta: tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde e, como é maior que o mundo, não cabe nele.¹

¹ Sermão de São Roque, 1644. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000011pdf.pdf>

2.2 A Pós-Modernidade

“Não, não posso parar. Se eu paro, eu penso.
Se eu penso, eu choro.”
Moacyr Franco, Mundo Maluco

“Meus heróis morreram de overdose.
Meus inimigos estão no poder.
Ideologia, eu quero uma pra viver!”
Cazuza, Ideologia

É verdade que as inovações tecnológicas, cujos exemplos vimos acima, levaram a uma drástica modificação das referências em geral, inclusive temporais. Com efeito, há a sensação de que o tempo corre cada vez mais rápido, e que, por isso, este mesmo tempo tem crescido em valor de mercado. Parece que a ação de *Chronos* sobre nós mortais está mais implacável e poderosa do que nas épocas do passado, e que ele nos força com mãos de ferro a olhar apenas para o futuro, medindo as demoras, mesmo quando, cansados, ousamos parar, fazer algum silêncio (o tanto possível) e pensar a própria vida. Nesse momento, somos surpreendidos pela nossa própria audácia, e de imediato nos pomos novamente em marcha, como mortos-vivos em direção a algum fim perdido em certo elo da história que morreu.

Se contrapomos o passado e o futuro no mesmo presente, parece que a sociedade está mais interessada no destino mais breve das coisas, e preocupada com o futuro e o porvir, do que no seu passado, história e origem. O passado parece cada vez menos importante, algo repleto de repressões e sistemas morais sem sentido; mas o futuro seria um promissor *projeto de realização* (AMARAL, 2009²): uma *aposta* que gera resultados imediatos, porque de algum modo interfere no presente. Para Marcio d’Amaral, este novo paradigma se autossustenta pela lógica da eficácia, de maneira forte o suficiente para se caracterizar uma nova realidade, sem precedentes, pouco disposta a considerar o que seja a Verdade, mas preocupada especialmente com os resultados palpáveis e materiais.

A história torna-se, portanto, um desvalorizado exercício da curiosidade, quase uma atividade dos desocupados, dos *filósofos*, enquanto o futuro, este sim é a ocupação de quem trabalha, do homem de negócios e de futuro que não tem tempo a perder. Queremos saber de previsões, de gráficos de crescimento, de investimentos e

² AMARAL, Marcio Tavares d’. Aulas do curso Comunicação, Globalização e Sociedade Tecnológica I. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2009.

pesquisas que projetam os números de amanhã. A nova sociedade caracteriza-se mais por uma *ansiedade* pelo que virá imediatamente, do que por um *saudosismo* pelo que já foi. É nítido para nós que, em algum ponto, houve uma ruptura tão drástica na história, a ponto de a própria história se tornar algo que não nos diz tanto respeito, ou a ponto de esta poder ser reinventada ou mesmo anulada. Parece haver certa hostilidade acerca daquilo que é antigo, de objetos concretos a conceitos e tradições, os quais são rapidamente classificados como ultrapassados; ainda que o antigo tenha pertencido a um passado bem recente, num mundo que se modifica ano a ano. À semelhança dos eletrodomésticos, que rapidamente saem de linha, também as relações se tornaram descartáveis. Quanto à moral, cujo princípio supremo é descrito pelo imperativo categórico de Kant como as ações universalizáveis, esta vai sendo negada em detrimento do que é mais prático, imediato e individual, após juízos temerários sobre os acontecimentos e as reivindicações sociais de um mundo traumatizado pela Guerra Fria e desiludido quanto à Verdade.

Nesse contexto imediatista, o termo *conservador* foi revestido de toda carga negativa, e tem sido amplamente usado quando se procura desqualificar uma posição diferente daquela veiculada de forma hegemônica, e que venha nos importunar falando de moral, filosofia clássica e religião; e não de números, estatísticas, pesquisas e metas. *Conservadora* é aquela visão arrogante que ousa permanecer contra a corrente do rio que se altera a cada momento, conforme ilustração do filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso acerca da dinâmica do mundo. Por outro lado, palavras como *moderno*, *atual*, *aberto* (*open mind*), *liberal* têm sido utilizadas em sentido positivo para a promoção daquilo ou daquele sobre o qual se fala. Assim, diz-se que fulano é tão conservador quanto preconceituoso, enquanto o outro indivíduo tem a mente aberta e é moderno, por isso é bem-vindo e tem permissão para falar. Numa sociedade acima de tudo prática, parece-nos que a lógica racional fica em segundo plano, no sentido que, no mais das vezes, busca-se mais qualificar pessoas pelo seu grau de modernidade, do que discutir seus argumentos. Num panorama em que *Deus está morto* (Nietzsche, em *A Gaia Ciência*), ou nunca existiu, ou tanto faz, não há mais a Verdade: tudo é uma questão de pontos de vista (e de quem está no poder). A religião, desacreditada ou irrelevante, perde a sua tradicional autoridade na formação moral para o Estado, o qual adquire para si a função de educar os corações e mentes dos seus *cidadãos*. Já a *fé* é rebaixada ao status de

crendices ou superstições.

A nosso ver, todo esse contexto social se explica por uma atual hegemonia cultural orientada por uma visão de mundo financeira e consumista e, ao mesmo tempo, fortemente marcada pelo espírito cultural materialista e revolucionário marxista, sobrevivente após a queda do Muro de Berlim, em 1989. Dentro desse panorama cultural situado entre o capitalismo e o socialismo, e conduzido hoje pela geração dos anos 1960 e 1970, contemporânea da Guerra Fria, da revolução sexual (1968), do Festival de Woodstock (1969) e do movimento hippie, até mesmo a *ciência* (refutável por definição) é exposta como autoridade superior à *religião* (dogmática). Já esta é afastada para a vivência privada, quase marginal como mero *ópio do povo* (MARX, 1844³) e parte da superestrutura capitalista; ou ainda combatida de forma intensa, mas paciente, pelos seguidores da *revolução cultural* do italiano Antonio Gramsci e da *Teoria Crítica* da Escola de Frankfurt⁴. Entrementes, se algum paradigma resiste resolutivo diante do tempo, num contexto sempre mutante, é porque está errado e precisa ser combatido e também modificado.

Ademais, posterior ao movimento *New Age*, a realidade inconsistente da época em que vivemos em tese não pretende suportar uma religião normativa, mas apenas a sua forma *light*, que garante muitos direitos mas não impõe tantos deveres. É assim que, no Brasil, o português santo Antônio de Pádua, *doctor Ecclesiae* (doutor da Igreja), é mero ‘casamenteiro’. São Francisco de Assis é uma espécie de ambientalista. São Pedro (apóstolo, primeiro papa e mártir), não passa de um brincalhão ‘senhor do tempo’. E São Jorge, também mártir, é uma entidade protetora, alvo do sincretismo e talvez tema de novela. Por outro lado, São Josemaría Escrivá, fundador do Opus Dei, é inexistente para mídia hegemônica, assim como o empenho de sacerdotes como cardeal Eugênio Sales, falecido em 2012, padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior e o argentino monsenhor Juan Claudio Sanahuja. O mesmo ocorre em relação aos seguidos pontífices, quando pronunciam as palavras mais duras.

Perante todo o exposto acima, parece-nos difícil não pensar na Igreja Católica como um “corpo estranho” na pós-modernidade. Dentro de um contexto como o discriminado acima, é perfeitamente compreensível que a Igreja Católica lhe seja o

³ Diz Karl Marx em sua “Contribuição à crítica da filosofia do Direito de Hegel”: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o âmago de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo. A abolição da religião enquanto felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real”.

⁴ Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, Erich Fromm, entre outros.

“inimigo nº 1”. De fato, para a Igreja, jamais a tecnologia, mas sim diversos desdobramentos da atual cultura tecnológica já constituem uma problemática. A praticidade e o imediatismo da pós-modernidade têm sido denunciadas oficialmente pela entidade por levar a amizades fluidas, falta de engajamento espiritual, hostilidade à disciplina da vontade (tantas vezes lida como opressão do ser humano), sentimentalismo, espetacularização, insensibilidade, indiferença. A isso, acrescentam-se crise da paternidade, crise da maternidade, crise da família, crise axiológica, implicantes de uma religiofobia, cristianofobia e eclesiofobia. São alguns dos itens constatáveis em nossa sociedade, e que também abrem chagas lancinantes no próprio “Corpo Místico de Cristo” – expressão que designa a Igreja (*Corpus Mysticum*) – uma vez que é presente entre tantos de seus membros. Todos esses problemas são retroalimentados por uma propaganda negativa por parte daqueles indivíduos que, mesmo sem notar, seguem o modelo pós-moderno de conceber o mundo e que compõem, em grande parte, a atual classe falante e a própria grande mídia, influente agente na formação das opiniões comuns.

Com efeito, como dissemos há pouco, a tecnologia midiática – instrumento tão útil do ser humano, social e comunicador –, embora decisiva na organização social, não carrega em si uma pré-determinada *maldade* intrínseca. Sua utilização, porém, dada a natureza corrompida do homem, carrega uma potencialidade tanto para a destruição, quanto para a construção. Dessa forma, constitui uma tarefa justa dispensar, aos meios de comunicação, uma visão clara de que não é propriamente a tecnologia, mas o próprio ser humano que a utiliza o responsável imediato pelos seus resultados honestos ou desonestos. A depender do uso dado às ferramentas de comunicação pelo homem, os seus frutos podem ser ruins como o jornalismo irresponsável e o marketing voraz, ou mesmo bons como o combate à corrupção e à má gestão dos hospitais públicos.

2.3 Comunicação Religiosa Católica e Evangelização

“*Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura!*” Esta é a ordem dada por Jesus, conforme o Evangelho segundo Marcos, capítulo XVI, versículo 15. Neste imperativo enfático e atemporal, perpetuado na história desde então, se encontra a síntese da missão cristã no mundo. Tal ordem é um desdobramento missionário dos dois mandamentos sintéticos da Lei judaica enunciados por Cristo, de acordo com o Evangelho

segundo Mateus, XXII, 37-40.

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Conforme o relato presente no livro de Marcos, a ordem de disseminar o Evangelho, eloquente o suficiente no coração dos primeiros discípulos de Jesus, permaneceria no seio da comunidade cristã – sobretudo após o episódio denominado *Pentecostes* –, talvez menos como uma obrigação legal, do que como uma necessidade. “*Ai de mim se não Evangelizar!*”, dirá Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios, IX, 16.

O termo português *Evangelho* tem origem na junção de duas palavras gregas: *eu* (bom) e *angelion* (mensagem), as quais formam a palavra *euangelion*, significando *Boa Mensagem*, *Boa Notícia* ou *Boa Nova*. A palavra diz respeito, em primeiro lugar, àquilo que Jesus Cristo anunciou e revelou, àquilo por que ele passou e àquilo que ele realizou. Mas também se refere aos livros que pretendem ser registros desses conteúdos, como os evangelhos canônicos, em cujo nome está o de seus autores materiais – Evangelho de Mateus, de Marcos, de Lucas ou de João –, e os evangélicos apócrifos, ou não canônicos, de autores desconhecidos ou duvidosos. Estes últimos, como o sugere seu nome, não são reconhecidos pela Igreja Católica (nem pelas igrejas cristãs posteriores) por diversas razões, mas principalmente por serem tardias aos quatro primeiros e por apresentarem graves divergências de conteúdo, seja entre si, seja em relação aos canônicos. Quanto ao ato de anunciar o Evangelho, chama-se *Evangelizar*.

Já o termo *Comunicação Religiosa*, mais abrangente, refere-se basicamente à atividade de utilizar os meios de comunicação para expressão social dos diversos conteúdos religiosos, pertencentes às variadas religiões existentes em todo o mundo, em destaque as maiores religiões de cunho missionário, ou seja, o Cristianismo e o Islamismo. A natureza própria dessas religiões, combinada à época fortemente marcada pelos meios de comunicação, deu origem a um estudo crescente acerca das formas de comunicação religiosa adotadas, as quais, por sua vez, também acompanham tanto o desenvolvimento das tecnologias midiáticas, quanto a sociedade proveniente dessas mesmas tecnologias.

Entretanto, essas comunicações também sofrem a dificuldade contemporânea em relação à depreciação de valores objetivos, conservados por tais religiões monoteístas, e à crise das várias instituições. Com efeito, parece que a civilização desaprendeu certos significados imateriais e suas intensidades, o que constitui um desafio grave para o

exercício de uma comunicação religiosa eficiente. A falta de um vocabulário espiritual e a imprecisão de termos classificados como abstratos, como *justiça*, *amizade*, *respeito* e *casamento*, devido a um farto uso temerário dos mesmos, tem combinado com uma decadência espiritual globalizada. Concomitantemente, uma relação muitas vezes comercial ou superficial com o sagrado tem levado à depreciação até mesmo do termo *Deus*.

Apesar disso, algumas afirmações podem trazer mais otimismo para a comunicação religiosa. De Aristóteles e sua *Política*, por exemplo, é possível derivar a ideia, confirmada pela observação, de que pertence à própria natureza do homem, o *animal político* (ou cívico), não só o domínio da linguagem, como a necessidade de se comunicar socialmente. Além disso, segundo Battista Mondin, também é intrínseca ao homem a qualidade de ser religioso, uma vez que o fenômeno religioso é algo típico da espécie humana desde as suas origens, presente em todas as civilizações (MONDIN, 2006, p. 92). Por ora, isso nos faz imaginar que ainda estamos longe de qualquer extinção do fenômeno religioso e, por conseguinte, de uma comunicação social religiosa.

Com efeito, na teologia católica, fortemente aristotélica e representável por santo Tomás de Aquino, observamos que não apenas o homem foi criado à semelhança de Deus, que é Amor, como o próprio Deus é, por excelência, o sujeito comunicativo, e que reflete no homem sua característica. Este Deus, ao trazer à existência o mundo e as coisas que o compõem, imprimiu indelevelmente em cada criatura um traço comunicante de si mesmo, desde o caráter ordenado da natureza e suas leis, até a beleza das coisas. Tudo isso a ponto de, conforme o próprio santo Tomás de Aquino, servir como vias de acesso à existência de Deus tanto a simples existência das coisas, quanto a contemplação da beleza do mundo ou a observação de suas leis (Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, questão 2).

No ápice do processo criativo de Deus, veio à existência o ser humano como o conhecemos, e desde o primeiro momento o seu Senhor procura se comunicar a ele. Segundo a teologia judaico-cristã, apoiada nas Escrituras comuns tanto ao judaísmo, quanto ao cristianismo, no início de sua caminhada sobre a terra o homem desfrutava do mundo de forma harmoniosa e de seus bens com felicidade. A comunicação com Deus era perfeita e costumeira. No entanto, um ato de desobediência a Deus o afastou de forma drástica de sua condição originária, e esse mesmo homem humilhado necessitou elaborar seus próprios meios de sobrevivência e superar com suas forças as vicissitudes da vida, antes irrelevantes ou inexistentes. Quanto ao espaço espiritual antes “ocupado” pelo Deus

infinito no coração humano, esta lacuna ficou estranhamente vazia, originando uma culpa indelével e profunda na consciência individual do homem e da mulher, ao mesmo tempo em que criava uma sede implacável de felicidade.

Esse sentido de ausência, reconhecido como uma profunda inquietude pelo filósofo santo Agostinho, já no primeiro parágrafo de sua obra *Confissões* (final do séc. IV), foi o que teria impulsionado os homens das Escrituras a elaborarem em conjunto um empreendimento que lhes eternizasse e engrandecesse seus próprios nomes. Movidos por um desejo de eternidade – e aí está algo profundo e central para nós – os homens se organizaram para materializar uma cidade e uma grande torre cujo cume tocasse os céus. Naquele momento, dizem-nos os escritos, os homens falavam a mesma língua e se serviam de materiais adequados à construção.

No entanto, segundo o episódio do Livro do Gênesis, 11, 1-9, assim que Deus viu a pretensão dos homens de galgar a eternidade fora de si, tratou de confundir-lhes a linguagem, dispersando-os pela face da terra e fazendo cessar por completo as construções da Torre de Babel. Nota-se então, nessa importante narrativa, a centralidade da *palavra*. Mais do que os materiais de construção e as técnicas de engenharia, ela foi destacada como o elemento essencial de organização.

Ainda sobre a relevância da palavra, a Escritura fala em diversos outros momentos, como já no relato da Criação, em que o mundo vai surgindo conforme a *Palavra* proferida por Deus, a começar do *Fiat lux* (“Faça-se a luz”); ou na gênese vocacional de cada profeta, que teme ou reluta ser canal da *Palavra* transformadora de Deus, sendo ela “viva e eficaz, mais penetrante que espada de dois gumes”, como dirá mais tarde são Paulo na sua Carta aos Hebreus, IV, 12. Ainda assim, a palavra segue pela boca dos homens comuns, limitados pelo crime inicial e desde então separados de uma perfeita aliança com Deus.

Diante desse problema, não havia solução imaginável ou possível para que os seres humanos reatassem a antiga amizade perfeita com Deus. Mesmo que tudo fizessem de correto e justo, ainda assim seria insuficiente para reparar a desobediência cometida desde o início. Como alguém que procurar erguer-se a si próprio do solo segurando o colarinho, assim também o esforço meramente humano era incapaz de se elevar para Deus: a conhecida culpa judaica era permanente.

Foi então que, segundo o Cristianismo, no auge dos tempos e seguindo-se ao preliminar anúncio dos profetas, o próprio Deus se fez homem (*o Verbo fez-se carne*), encarnando-se no ventre de uma jovem separada especialmente para si. O menino Jesus

creceu em estatura, sabedoria e graça e, no tempo propício, iniciou sua vida pública de sinais e pregações, a respeito do Amor de Deus pelos homens e da Vida Eterna reservada àqueles que obedecem à vontade de seu Pai. Desagradando àqueles de seu povo com a autoridade de dizer-se Filho de Deus, ao final de sua trajetória Jesus deixou-se humilhar e morrer em sacrifício, pregado numa Cruz. No entanto, ao terceiro dia, ele ressuscitou como dissera, conforme o relato daqueles que com ele estiveram. Ao ascender aos céus, prometeu aos seus discípulos enviar o Espírito Santo e ordenou-lhes que anunciassem a Boa Notícia a todas as nações. A partir daí, esse imperativo de *levar a boa mensagem* encontrará reflexos ao longo de toda história da Igreja Católica, alcançando os tempos atuais.

3. PANORAMA HISTÓRICO DA COMUNICAÇÃO RELIGIOSA CATÓLICA

Após traçarmos algumas características marcantes de nosso tempo e dedicarmos algumas linhas a respeito do sentido da comunicação na Igreja Católica, iniciamos um capítulo sobre o panorama histórico dessa comunicação. Nessa divisão, portanto, buscamos ilustrar brevemente o trajeto da Igreja Católica desde o seu surgimento até os dias atuais. Esse esforço ocorre numa tentativa de posicionar nosso objeto historicamente e nos aproximar de sua condição nos dias atuais. Compreendemos que cada um dos aspectos históricos citados abaixo permitiria um grande aprofundamento, mas optamos não realizá-lo, a fim de manter o propósito do trabalho. Na segunda parte desse capítulo, abordamos a Igreja nos dias de hoje, no contexto das problemáticas já trabalhadas nas divisões anteriores.

3.1. Comunicação Religiosa Católica até a Pós-Modernidade

A história da comunicação por parte da Igreja Católica é tão grande, complexa e rica como se supõe um percurso bimilenar. Dessa forma, longe de fugirmos do esforço das apurações, devemos aqui assumir o já frequente e geral costume acadêmico de dizer: não pretendemos esgotar a abordagem. Não planejamos minimamente abordar toda a história da Igreja, mas sim retratar brevemente a vastidão e o cromatismo do assunto.

De fato, a riqueza da história da comunicação da Igreja pode nos deixar primeiramente paralisados, atônitos talvez, sem saber por onde começar. Diante de um impasse como esse, escolhemos uma abordagem panorâmica em ordem cronológica, tomando como ponte de partida o advento de Pentecostes. Nesse episódio, segundo o relato contido nas Escrituras, os discípulos de Jesus, com medo de seus perseguidores, encontravam-se trancafiados num recinto, perguntando-se absolutamente o que fariam dali para frente. Naquele momento, Cristo havia ressuscitado e ascendido aos céus, de fato conforme dissera, mas agora o que fariam? A incerteza quanto ao futuro os paralisava. Segundo as Escrituras, ali estava também Maria, a mãe de Jesus. Foi nesse episódio que, de repente, do alto surgiram sobre eles um sinal de línguas como de fogo, que os encheram de uma coragem sobrenatural mais que bem-vinda. Foram surpreendidos então com uma capacidade misteriosa de falar novas línguas, ou mais precisamente, de serem compreendidos mesmo pelos estrangeiros que ali havia.

Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os inspirava. Moravam em Jerusalém judeus devotos, de todas as nações. Ouvindo-se o som, juntou-se a multidão, e todos ficaram confusos, pois cada um ouvia os discípulos falarem em sua própria língua. Cheios de admiração e espanto, diziam: «*Esses homens que estão falando não são todos galileus? [...] Todos nós os escutamos anunciarem as maravilhas de Deus na nossa própria língua!*». (At II, 4-7.11b; Grifo nosso)

Nesta espécie de reportagem, registrada no Livro dos Atos dos Apóstolos, está o grande marco do desenvolvimento da Igreja Católica, semeada pessoalmente por Jesus Cristo durante sua vida pública, conforme o Evangelho segundo Mateus, capítulo XVI, versículos 14 a 16. Naquele momento, Jesus dizia aos seus apóstolos (termo grego para *enviados*) para guardarem em segredo que ele era o prometido *Messiah* (*Cristo*, em gr.), ou o Ungido de Deus enviado para salvação de seu povo. Após Pentecostes, no entanto, a Igreja sente-se impelida a gritá-lo sobre os telhados⁵.

De acordo com a teologia cristã, o advento de Pentecostes é o contraponto do episódio multimilenar da Torre de Babel, narrativa que, conforme já dissemos, ilustra o problema de comunicação proveniente do desentendimento entre as pessoas, a partir da soberba de ser como Deus. O assunto foi literalmente mencionado pelo papa João Paulo II, em sua Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais⁶ de 2000:

A história da comunicação é uma espécie de viagem, desde o projeto de Babel baseado no orgulho, que acabou na confusão e incompreensão recíproca a que deu origem (cf. Gn 11, 1-9), até ao Pentecostes e ao dom de falar diversas línguas, quando se dá a restauração da comunicação, baseada em Jesus, através da ação do Espírito Santo.

Com efeito, Pentecostes é também um marco na Comunicação Religiosa universal, uma vez que aí também começaram efetivamente as missões dos apóstolos e discípulos de Jesus Cristo. À medida que muitos abraçavam a fé cristã, formavam-se comunidades, como a de Antioquia, na qual pela primeira vez tais discípulos foram chamados de *cristãos* (At XI, 26). Com efeito, notamos que, conforme os primeiros relatos, a Igreja Católica nasceu comunicativa e internacional.

Não obstante o sucesso dessas primeiras pregações – o Livro dos Atos dos Apóstolos fala de centenas e milhares de conversões à fé em Jesus Cristo –, foi irremediável que a radicalidade, a profundidade e a universalidade da nova doutrina

⁵ Cfr. Mt X, 27: “O que vos digo na escuridão, dizei-o às claras. O que vos é dito ao ouvido, publicai-o de cima dos telhados.

⁶ “Proclamar Cristo nos meios de comunicação social no alvorecer do novo milênio”. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20000124_world-communications-day_po.html

abalassem os pilares não cristãos dos governos locais e entrassem em conflito direto com as autoridades romanas. Vítimas de sangrentas perseguições no período entre o império de Nero (54-68) até o Edito de Milão, do imperador Constantino, em 313 d.C., os cristãos martirizados pelas feras, pela crucifixão, pelo apedrejamento ou pelo fio das espadas tinham seus corpos guardados nas catacumbas, rede subterrânea de antigas câmaras mortuárias. Ali, o túmulo dos primeiros mártires cristãos era marcado com uma folha de palmeira. Além disso, outros símbolos diferenciavam os túmulos dos primeiros seguidores do Cristo Ressuscitado dos demais.

Segundo a historiadora da arte Wendy Beckett, no seu livro *História da Pintura* (p. 24), no quesito estético as primeiras imagens e inscrições constantes nas catacumbas não impressionam, mas fazem-no como eloquente e apaixonada manifestação, pertinente relato e essencial registro: é o nascimento da Arte Sacra católica e um marco na história mundial da iconografia (mais tarde amplamente desenvolvida pelos cristãos do Oriente). Nas catacumbas, próximas às quais foram celebradas as primeiras missas, os cristãos executavam nas paredes pinturas simples de cenas bíblicas, representativas da fé. Um exemplo é a figura do *Bom Pastor*, com sua ovelha às costas, em alusão ao Salmo 22(23), que fala do vale da sombra da morte (a própria catabumba). Outros exemplos são a imagem da *Orante*, mulher de véu com os braços e o olhar voltados para o alto, e a conhecida *Âncora*, ícone desenhado, pintado ou esculpido nas paredes das catacumbas romanas, e que remete à segurança em Deus, à ocupação de Pedro e à missão de ser “pescador de homens”, conforme Mt IV, 19.

Entrementes, é significativo, que, desde o evento de Pentecostes, após a Ressurreição e Ascensão de Jesus Cristo, quando as pregações dos discípulos se iniciaram de forma mais vigorosa conforme os Atos dos Apóstolos, as informações foram sendo transmitidas de forma oral. Segundo teólogos católicos e protestantes, essa comunicação tradicional ocorreu de forma fidedigna, uma vez que o conteúdo essencial registrado nos Evangelhos e Epístolas, escritos entre os anos 51 e 100 (Jesus foi crucificado por volta do ano 33), corresponde a um todo concordante, não obstante as ênfases naturalmente decorrentes de narrações diversas. Nesse sentido, depõem favoravelmente tanto as divergências nos pequenos detalhes, quanto os consensos acerca dos acontecimentos extraordinários que dificilmente seriam cridos sem experiências convincentes. A esse respeito, o item 127 do *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* afirma, que, nos próprios livros do Evangelho, Jesus Cristo reprovava os seus apóstolos por sua

incredulidade. Não obstante, quando o Novo Testamento começou a ser escrito, o apóstolo João ainda era vivo.

No entanto, após a morte dos apóstolos, e de outras testemunhas que conviveram com Jesus, a falta de um corpo bem claro dos itens de fé causava debates apaixonados e até mesmo alterações violentas entre os seguidores de Jesus Cristo. Para dirimir demais dúvidas, conflitos e divisões, em 325 d.C. o imperador Constantino, aparentemente convertido ao catolicismo, convocou o Primeiro Concílio de Niceia, no qual os bispos chegaram por consenso ao Credo Niceno-Constantinopolitano, recitado até hoje em missas da Igreja e que contém de forma clara os pontos fundamentais da fé.

Posteriormente, a partir do ano 380 d.C., o imperador católico Teodósio I, último governante de todo o Império Romano, iniciou um combate ao paganismo e proclamou o cristianismo religião oficial do Império Romano por meio do Editto de Tessalônica. A partir daí, foi dado o marco para que, durante séculos, a Igreja Católica fosse responsável por dar o tom e a temática da produção cultural/artística no Ocidente, à época fundamentalmente definido pelas fronteiras do continente europeu. Desde então, e até o fim da Idade Moderna, foi preponderante o patrocínio da arte sacra por clérigos, leigos e governantes católicos.

A época correspondente à *Idade Média*, politicamente iniciada no século V, com a Queda do Império Romano no Ocidente em 476 d.C, despontou culturalmente no século IX, com o império de Carlos Magno (768-814). O período, que terminaria apenas no XIV, com a Reconquista definitiva da Península Ibérica pelos cristãos e pelo Descobrimento das Américas pelos europeus (1492), teve seu nome inventado de forma depreciativa pelos humanistas renascentistas do século XVI (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 9).

A época medieval responde pela riqueza das primeiras universidades, a beleza das igrejas românicas e das catedrais góticas, a atividade dos trovadores, variadas tecnologias agrícolas, a expressiva reflexão filosófica e teológica, a dignificação da mulher e da criança perante a Antiguidade judaico-greco-romana⁷ e o fervor religioso. Entre outros, foi a época de Pedro Abelardo, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Duns Escoto, Guilherme de Ockham, Dante Alighieri. Compreendida da forma mais ampla, o período abrangeu também teólogos de grande envergadura, como Agostinho (354-430) e Boécio (480-524/525), num efervescente movimento intelectual chamado Patrística.

Em relação à música religiosa, já antes dos anos 700, no seio da Idade Média,

⁷ PERNOUD, Régine. *Luz sobre a Idade Média*. Portugal: Publicações Europa-América, 1997, p. 18.

surgia o cantochão (*cantus firmus*), ou seja, melodias vocais monofônicas suaves que fluíam sem acompanhamento instrumental (BENNETT, 1986, p. 13), feitos com base em letras de salmos e orações. Segundo Elisa Wiermann, organista da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) e especialista em história da música, “em sua aparente simplicidade, esses cantos são a primeira grande manifestação artística da Idade Média; e, em sua sutileza melódica e rítmica, dificilmente foram ultrapassados”⁸. Trabalhados pelo papa beneditino Gregório I no séc. VI, tais cantos atendem comumente pelo nome de canto gregoriano.

A propósito, a própria música foi largamente favorecida nessa época, inclusive graças às invenções do monge Guido d’Arezzo (992-1050). Regente do Coro da Catedral de Arezzo, em Toscana, dom Guido inventou a pauta musical de quatro linhas, até hoje usada no canto gregoriano, e propôs um sistema de divisão silábica para auxiliar a prática do solfejo, a partir do hino latino a São João Batista: *Ut queant laxis / Resonare fibris / Mira gestorum / Famuli tuorum / Solve polluti / Labii reatum / Sancte Iohannes*⁹. Já compositores como Léonin e Pérotin, pertencentes à Escola de Notre Dame nos séculos XII e XIII, alcançaram relevantes avanços artísticos por meio da música sacra (cfr. WIERMANN, 2004, p. 9).

Fruto do espírito da época, entre os séculos XI e XIII a arquitetura viu surgirem as primeiras igrejas de estilo românico, como a Saint-Sernin de Toulouse, a Catedral de Santiago de Compostela, Saint Martin de Tours e a Basílica de San Isidoro de León. De aparência sólida e austera, as construções de pedra e paredes nuas demonstram a intenção de penitência e despojamento das primeiras ordens religiosas cristãs, buscadoras de um martírio espiritual, e serviam também de proteção contra possíveis invasores árabes.

No período gótico, identificado entre os séculos XII (França) e XVI, temos o exemplo arquitetônico das grandes catedrais, frutos da mais alta engenharia da época. Com o objetivo de comunicar a magnanimidade de Deus, a pequenez do homem, a vida celeste e a grandeza da Igreja, sua técnica de arcobotantes ergue a abóbada a grandes alturas com aparente leveza. Evitando o excesso de colunas na nave, tais catedrais lançam mão dos vitrais coloridos de grande dramaticidade sobre cenas evangélicas ou vidas de santos de especial devoção local.

Tais ilustrações ao mesmo tempo catequizavam a sociedade tipicamente oral, em

⁸ WIERMANN, Elisa. *Apreciação Musical*: módulo I do Curso de Cultura Artística. Rio de Janeiro: Colégio de São Bento, 2004, p. 7.

⁹ Trad.: “Para que, abertamente, lhe ressoem teus servos os maravilhosos feitos, tirai-nos a ofensa dos lábios maculados, ó São João”.

sua maioria iletrada, e iluminavam o interior das construções. Entre alguns exemplos de catedrais góticas estão a Catedral de Notre Dame de Paris (iniciada em 1163), a Catedral de Notre Dame d'Amiens (começada em 1220) e a Catedral de Bourges (construída a partir de 1195). Também pertencem ao período gótico as centenas de pinturas religiosas de Giotto di Bondone (1266/7-1337), como as “Cenas da Vida de São Francisco”, das quais há o “Sermão diante de Honorius III” (1288-1294), na Igreja de São Francisco, na própria cidade de Assis, e “A Morte de São Francisco” (1317), afresco na cidade de Florença. São de Giotto também a “Crucificação” (1290), e “Santo Estêvão” (1330-1335), que está no Museu Horne, em Florença.

No mesmo período, também pintaram motivos cristãos Simone Martini (1284-1344), Pietro Lorenzetti (1280-1348), Ambrogio Lorenzetti (1285-1348), Tadeo Gaddi (1285-1366), Oracna (Andrea di Cione) (1308-1368), Giovanni da Milano (1325-1369), Lorenzo Monaco (1370-1445), Fra Angelico (1387-1455), Jan van Eyck (1390-1441), Rogier van der Weyden (1399-1464), Sassetta (Stefano di Giovanni) (1400-1450), entre muitos outros artistas.

Enquanto isso, num contexto de difícil reprodução das Escrituras, copiadas demoradamente à mão antes da prensa de Gutenberg (1439) (graças apenas à qual Martinho Lutero pôde dizer *Sola Scriptura*), mesmo a caligrafia era alvo de uma preocupação estética particular. No interior dos diversos monastérios, os livros sagrados, tomados nas mãos como Palavra de Deus, eram enfeitados por iluminuras bem elaboradas e complexas em significados. Posteriormente, Gutenberg produziria, mediante os tipos móveis, a sua primorosa Bíblia de 42 Linhas, entre 1450 e 1455, aproximadamente.

À chamada *Idade Média* seguiu-se a *Idade Moderna*, época do *Renascimento* ou *Renascença*, movimento cultural delimitado pelos séculos XIV e XVI, influente sobre a literatura, a arquitetura, a música e a pintura. O momento ficou caracterizado por um modelo cultural antropocêntrico (em sobreposição ao teocêntrico medieval) e pela retomada de traços artísticos greco-romanos. Após a suposta interrupção do progresso humano pela Idade Média, a Renascença se propunha a dar continuidade à Antiguidade pagã.

No entanto, como testemunho desse período de (ainda) grande inspiração religiosa e patrocínio por parte da Igreja, há todo o conhecido exército de Anunciações, Madonnas, Crucifixões, Pietàs. Entre as obras emblemáticas, há todo o trabalho de Michelangelo Buonarroti (1475-1564) encomendada para o teto da Capela Sistina, da qual podemos citar

a famosa “Criação de Adão” e a cena do “Juízo Final”. Tão grande é sua eloquência, que parece falar ao coração até mesmo dos filhos da pós-modernidade. É destaque também a pintura de Rafael Sanzio (1483-1520), como a “Sagrada Família”, “Ressurreição de Cristo” e “São Miguel derrota Satanás”.

Também pertence ao século XVI e ao Renascimento o compositor Giovanni Pierluigi da Palestrina (1525-1594), cuja célebre *Missa Papae Marcelli*, feita em homenagem ao papa Marcelo II, é até hoje tocada na Basílica de São Pedro, em Roma. Embora a época tenha conhecido um maior interesse pela música profana, comparado à Idade Média, ainda assim, segundo Roy Bennett, os “maiores tesouros musicais renascentistas foram compostos para a Igreja, no estilo da polifonia coral” (BENNETT, 1986, p. 24). Além de Palestrina, outros exemplos de grandes compositores renascentistas são o francês Joaquin des Prez (1440-1521), atuante na catedral de Milão e da Capela Papal, e William Byrd (1543-1623), organista católico apesar do reinado hostil de Elizabeth I.¹⁰

Posterior ao *Renascimento*, mas ainda na Idade Moderna, foi o período *Barroco*, nome decorrente do estilo artístico que floresceu entre o fim do XVI e o decurso do século XVIII, marcado pela contraposição entre luz e trevas, alegria e tristeza, sagrado e profano. O movimento teve início na Itália, mas depois se espalhou pelos países católicos da Europa e da América, antes de influenciar localidades protestantes. Desse período artístico, tardio no Brasil sob o estilo *Rococó*, é difícil ignorar a eloquência das esculturas e da arquitetura sacras de cidades inteiras como Ouro Preto, em Minas Gerais. Algumas dessas melhores obras são atribuídas à genialidade incontestada do escultor e arquiteto nativo ouro-pretense Antônio Francisco Lisboa (1738-1814), conhecido como Aleijadinho, e de seu grupo de aprendizes (OLIVEIRA et aliae, 2008, p. 53).

As características do período Barroco foram fortemente influenciadas pelo *Protestantismo*, oficialmente inaugurado em 1517 por Martinho Lutero (1483-1546) desiludido por desmandos, omissões e contradições clericais; e pela *Reforma Católica*, marcada pelo Concílio de Trento (1545-1563), por sua vez convocado pelo papa Paulo III. Dessa época, os pintores Peter Paul Rubens (1577-1640) e Anthony van Dyck (1599-1641) são dois exemplos culturais de bastiões católicos no norte da Europa (BECKETT, 1997, p. 186). Eles fulguram diante do caráter iconoclasta das regiões protestantes, como a

¹⁰ STEWART, Andrew. *William Byrd*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/music/artists/d1cf7a39-f268-45e8-bbc0-6cea5c0272cf>. Acessado em julho de 2013.

Holanda, onde as igrejas cessaram as encomendas artísticas (MAGALHÃES, 2005, p. 466). Entre os demais destaques da época está Michelangelo Caravaggio (1571-1610), com suas pinturas religiosas dramáticas, abusando da técnica *chiaroscuro* (claro-escuro) em telas como a “Ceia de Emaús”, “São Jerônimo” e “Chamado de São Mateus”.

Enquanto isso, o racionalismo iniciado pelo filósofo protestante René Descartes (1596-1650) ameaçava conduzir a passos largos o pensamento ocidental ao ceticismo religioso. De fato, no início da Idade Moderna, a questão religiosa surgia com um tom bastante diferente daquele da época medieval¹¹. No século XVIII, o também filósofo protestante Immanuel Kant (1724-1804), com seu texto “O que é Iluminismo?” (1784), engrossava ideologicamente o movimento iluminista europeu, representado na França por Denis Diderot (1713-1784), Jean d’Alembert (1717-1783), Voltaire (1694-1778) e Montesquieu (1689-1755), entre outros.

No final daqueles 1800s, explodiu o advento da Revolução Francesa (1789-1799), no mesmo país que concebia Auguste Comte (1798-1857), futuro fundador da sociologia e do positivismo. Uma vez desordenado, o movimento avesso aos clérigos e à monarquia assassinou dezenas de sacerdotes e religiosos, além de tantos aristocratas. Os esclarecidos opunham-se à dita “Idade das Trevas”. A partir de então, diversas resoluções políticas – como a Constituição Civil do Clero (1790), a Constituição de 1791 e o primeiro governo de Napoleão Bonaparte (1804 e 1814) – iniciaram uma separação veloz entre Igreja Católica e Estado. A essa altura, junto à internacionalização da Revolução Industrial britânica, surgiam, entre os filósofos ateus, Ludwig Feuerbach (1804-1872), Karl Marx (1818-1883), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Sigmund Freud (1856-1939) – apesar do Romantismo do XIX, que punha Deus novamente em cena¹². Pensadores influentes, eles foram tomados como base ideológica para a fundação de governos como a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o Nacional-Socialismo (Nazismo) na Alemanha, o Fascismo na Itália, o Franquismo na Espanha. Junto ao governo comunista chinês, esses movimentos do século XX foram responsáveis pela morte de milhões de cristãos, mais do que em toda a história somada do Cristianismo.

Na metade do século XX, em meio a um mundo literalmente partido

¹¹ Segundo Priscila Vieira, entre Renascimento e o século XVII europeu, a Europa caminhou rumo à distinção entre público e privado e à retirada radical da religião do espaço público. A supervalorização do homem, da razão, da ciência empurrou a dimensão da fé para setores restritos da vida social (VIEIRA, 2010, p. 40).

¹² AMARAL. Marcio Tavares d’. Uma África de sofrimento. TEDxUFRJ: 2012. Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fXnUpExek3Q>

ideologicamente, recém-assaltado por duas guerras de proporções mundiais e à beira de um conflito final, o ocidente cristão perguntava-se, afinal, em que crer. A Igreja Católica, outrora mecenas das artes, perdia fiéis para o fenômeno dos movimentos ateus. Em países como o Brasil e EUA, no entanto, prosseguia ainda fortemente presente.

Com o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), convocado pelo papa João XXIII e concluído pelo papa Paulo VI, marca-se uma etapa diferente na história da Igreja no que diz respeito à comunicação social. Com definições litúrgicas e pastorais, a Igreja universal, mediante o seu XXI Concílio Ecumênico, buscava as formas mais adequadas não para se adaptar, nem, muito menos, romper com o passado, mas sim para possibilitar uma comunicação mais eficiente com um mundo tão modificado desde o Concílio Ecumênico anterior, o Concílio Vaticano I (1869-1870). O novo encontro pastoral deu origem às quatro famosas Constituições (*Dei Verbum*, *Lumen Gentium*, *Sacrosanctum Concilium* e *Gaudium et Spes*), além de três Declarações e nove Decretos, que deveriam iluminar a atuação da Igreja a partir de então.

A respeito dos imutáveis itens de fé, em 1986 o papa João Paulo II instituiu aos bispos de todo o mundo a missão de elaborar um Catecismo (do grego *katecheo*, isto é, *instruir*) da Igreja Católica cuja apresentação fosse própria para os tempos atuais. À frente da tarefa de coordenar os trabalhos, foi designado o já renomado teólogo cardeal Joseph Ratzinger, nascido em 1927 e atual papa emérito Bento XVI. No prefácio do *Youcat*, o Catecismo Jovem lançado em agosto de 2011 durante a Jornada Mundial da Juventude de Madrid, o pontífice comenta:

Após o Concílio Vaticano II (1962-1965) e numa situação cultural alterada, muitos já não sabiam ao certo em que os cristãos realmente acreditavam, o que a Igreja ensinava e se ela, no fundo, podia ensinar algo, e como tudo isto se inseria numa cultura alterada pelas bases. Não foi o Cristianismo ultrapassado enquanto tal? É possível hoje ser crente com a razão? Estas eram questões que até os bons cristãos se colocavam. O Papa João Paulo II tomou então uma resolução audaz. Decidiu que os bispos de todo o mundo deveriam escrever um livro em que pudessem apresentar tais respostas. [...] Deveria mostrar aquilo em que a Igreja Católica hoje crê e como se pode crer razoavelmente.¹³

Com efeito, quase contemporaneamente à Queda do Muro de Berlim (1989), marco político inicial da pós-modernidade, era publicado o Catecismo da Igreja Católica em 11 de outubro de 1992, obra que contém uma exposição da fé e da doutrina católicas, apoiadas sobre o tripé Sagrada Escritura, Tradição Apostólica e o Magistério da Igreja.

¹³ YOUCAT Brasil. São Paulo: Paulus, 2013, p. 7. Também disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2011/documents/hf_ben-xvi_let_20110202_youcat_po.html

Entrementes, apesar da derrocada do chamado socialismo real e armado, o movimento marxista tem sobrevivido e se alastrado pelo mundo na forma cultural. Tendo conquistado parte dos católicos em movimentos como a assim chamada *teologia da libertação*, a partir dos 1960s, a versão ‘cristã’ e latino-americana do marxismo teve seus principais pontos seguidamente condenados pela Santa Sé¹⁴, por entrarem em choque frontal com a doutrina da Igreja. Entre as acusações, está a proposta da visão mundana do sagrado, a interpretação materialista das Escrituras, a negação de diversos artigos centrais da fé, o sentido esvaziado aos sacramentos, a dissolução da hierarquia eclesial e uma atuação imanente do cristão no mundo, ao desconstruir a Vida Eterna e ao aproximar, sob vários aspectos, a figura de Jesus Cristo Ressuscitado a Che Guevara ou Robin Hood.

3.2 Comunicação Religiosa Católica na Atualidade

“Deveis ser muito mais profundamente radicados na fé do que a geração dos vossos pais, para poder resistir com força e decisão aos desafios e às tentações deste tempo.”
Papa Bento XVI, Prefácio do Youcat

“O progresso técnico nos deu oportunidades inéditas de interação [...], mas a globalização destas relações só [...] fará crescer o mundo em humanidade se estiver fundada não sobre o materialismo mas sobre o amor, a única realidade capaz de encher o coração de cada um e unir as pessoas.”
Papa Bento XVI, 18/10/2012, Mensagem para a JMJ Rio 2013¹⁵

Somente após um diagnóstico da sociedade atual, e de preferência mais amplo do que tem contemplado este trabalho, sem desprezar suas nuances sociais e múltiplas faces, é possível pensarmos a possibilidade da comunicação religiosa católica e traçarmos respostas comunicacionais coerentes com esta mesma realidade que se propõe totalmente nova.

Além do que foi dito até aqui, é importante considerar que, apesar de toda a potencialidade da internet, suposta coluna de uma nova galáxia (a realidade virtual), essa mesma tecnologia ainda é inacessível à maioria das pessoas. Nota-se que uma das consequências da revolução tecnológica da informação, na qual ainda estamos imersos, tem sido a exclusão maciça de pessoas do circuito da comunicação. A princípio, entre esses indivíduos estariam as pessoas pobres, e, em relação ao Brasil, os números oficiais o comprovam.

De fato, em maio de 2013, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), por meio do seu levantamento *Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para*

¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução Libertatis Nuntius*. Vaticano: 1984. Disp. em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html

¹⁵ Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20121018_youth_po.html

Uso Pessoal, baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)¹⁶ de 2011, afirmou algo que muitos não haviam se dado conta. Segundo o documento, àquele ano mais da metade dos brasileiros *não* havia acessado a internet (53,5%) e, entre os indivíduos que o fizeram, 38% recebem *até* um salário mínimo.

No entanto, observamos que essa exclusão midiática não ocorre apenas entre as pessoas despossuídas financeiramente, mas também entre as pessoas de mais idade. Segundo a pesquisa realizada pelo instituto, em 2011 apenas 18,4% da população brasileira acima de 50 anos se conectou à internet mediante microcomputadores ou notebooks. A quantidade, embora pequena, ainda assim foi superior aos 7,3% em 2005.

Mas entre a população jovem a realidade é bem diferente. O estudo mostra que, junto aos indivíduos de 10 a 14 anos, o percentual de pessoas que acessaram a internet em 2011 chegou a 63,9% (contra 24,3% em 2005). Já em meio àqueles com idade entre 15 e 17, a pesquisa indicou a maior acessibilidade: 74,1% (diante de 33,7% em 2005). Entre os jovens de 18 e 19 anos, o percentual em 2011 chegava a 71,8% (contra 32,7% em 2005). Porém, a partir da faixa etária entre 20 e 24 anos (66,4% de usuários), a curva estatística de pessoas que tiveram acesso à internet em 2011 decresce, chegando aos 18,4% para pessoas com mais de 50 anos, como dissemos acima.

Ao mesmo tempo, a escolaridade também é um item importante na comparação, e o estudo mostra que o acesso à internet tem sido diretamente proporcional aos anos de estudo. Em 2011, segundo o levantamento do IBGE, entre as pessoas que tiveram mais de 15 anos de estudo, a acessibilidade alcançou nada menos que 90,2%. Enquanto isso, em meio às pessoas que têm até quatro anos de instrução, apenas 11,8% acessaram a internet.

Num mundo globalizado como o nosso, acreditamos que todos esses dados estatísticos brasileiros nos permitem inferir também a condição de países menos desenvolvidos economicamente, e que constituem a maior parte da população mundial. A essa exclusão *virtual*, mas bem real, acrescenta-se o fato importante de que as mesmas pessoas que não têm acesso à internet, não por acaso também têm ficado à margem do mercado de trabalho e da escolarização. Com efeito, num ambiente cada vez mais informatizado, resta pouco espaço na comunicação dessa Aldeia Global para quem não têm possibilidades de adquirir os serviços e equipamentos necessários, seja por falta de recursos financeiros e infraestrutura regional, seja por falta de preparo técnico pessoal ou

¹⁶ Pesquisa disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000012962305122013234016242127.pdf>

aversões diversas às novas tecnologias.

Essas duas realidades nos movem a concluir que a internet, precioso bem de comunicação social, é decisivamente frequentada por uma juventude de classe média urbana. E aí está a chance de vermos algo muito importante: supostamente, a nova época inaugurada junto à internet parece interromper a histórica sucessão de conhecimentos hereditários, como os costumes e valores, transmitidos pela convivência. Uma vez distantes das *ágoras contemporâneas*, devido a abismos digitais, os pais e antepassados das atuais gerações Y e Z (1980s) parecem exercer menos influência sobre os jovens, de forma a gerar uma juventude menos baseada nos valores morais outrora amplamente respeitados como objetivos e, ao mesmo tempo, frágil em vários sentidos (cultural, emocional etc.). Altamente detentora do poder da fala e cada vez mais detentora do poder de consumo, a geração da internet possui muitos conhecimentos, mas tem carecido de cultura qualitativamente consistente, figurando-se vulneráveis aos atuais meios hegemônicos de produção cultural, de caráter anticonservador e ateu na prática, mesmo sem terem consciência disso.

Aí já começa, em parte, a importância de um evento presencial com a magnitude da Jornada Mundial da Juventude, realizada em grandes cidades do mundo. Criada em 1985 pelo papa João Paulo II (logo um ano antes de encomendar a elaboração do Catecismo da Igreja Católica), a MJJ ocorreu pela primeira vez em 1986 na cidade de Roma. A partir de então, a cada dois anos, em média, o maior evento jovem internacional visita um país do globo. Nascido antes da queda oficial da União Soviética (1990/1991), a Jornada procura atender à necessidade de formar as novas gerações, hoje por meio de catequeses, festivais de músicas e de dança, pregações, mutirão de confissões, *tour* artístico-religioso, celebrações eucarísticas, exposições da arte sacra, feiras vocacionais, distribuição de materiais elucidativos, peças teatrais, mostras de cinema e mega encontros com o papa. De fato, já em 1991, a Jornada Mundial da Juventude da Polônia reunia mais de 1,5 milhão de pessoas no país natal de João Paulo II, sendo o primeiro grande evento em que os jovens do Leste Europeu puderam participar sem represálias.

Já perante toda a *virtualidade* de nosso tempo, a Igreja Católica aposta em apresentar um discurso que fale, com proximidade e sinceridade, que Deus não é igualmente uma *realidade virtual*, mas bastante concreta. Segundo o papa Bento XVI, em audiência realizada no dia 28 de novembro de 2012, na Catequese “Como falar de Deus?”

¹⁷, apontar a realidade de Deus e a possibilidade da vida cristã implica anunciar que Ele

¹⁷ BENTO XVI. *Como Falar de Deus?* Vaticano: 2012. Disponível em:

também está bem perto de nós, que se interessa por nós, se preocupa conosco e que, sobretudo, “entrou pessoalmente na realidade da nossa história e comunicou-se a si mesmo a ponto de se encarnar”. Diz Bento XVI:

Falar de Deus quer dizer, antes de tudo, ter bem claro o que devemos levar aos homens e às mulheres do nosso tempo: não um Deus abstrato, uma hipótese, mas um Deus concreto, um Deus que existe, que entrou na história e está presente na história; o Deus de Jesus Cristo como resposta à pergunta fundamental do porquê e do como viver (Ibidem).

Naquela mesma oportunidade, o pontífice toma o exemplo significativo de são Paulo. Anteriormente chamado Saulo, como judeu ele engrossava a fileira dos perseguidores dos primeiros cristãos, na região de Jerusalém. No entanto, por volta dos anos 30 d.C, e segundo o relato contido nos Atos dos Apóstolos (At IX, 1-6), Saulo foi alvo de uma fortíssima experiência sobrenatural no seu caminho para Damasco. Tal experiência foi suficiente para ele alterasse drasticamente o foco de sua vida, deixando imediatamente a sua segurança como perseguidor e passando ao lado perseguido. O autor da frase “não sou quem vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gl II, 20) tornou-se, ao lado de são Pedro, uma das colunas da Igreja devido ao dom do seu ardor missionário. Tomando são Paulo, o papa Bento XVI, que chegara a implantar um Ano Paulino entre junho de 2008 e junho de 2009, afirma que:

Comunicar a fé [...] não é anunciar-se a si mesmo, mas anunciar aquele Jesus que sente presente em si e que se tornou a verdadeira orientação da sua vida, para levar todos a compreender que Ele é necessário para o mundo e é decisivo para a liberdade de cada homem (Ibidem).

Num contexto em que *Deus morreu*, o Catolicismo aposta na Ressurreição do Cristo palpável também na consciência das pessoas. Na catequese do dia 14 de novembro de 2012, intitulada “Os caminhos para chegar ao conhecimento de Deus”¹⁸, Bento XVI aponta três vias básicas capazes de “abrir o coração do homem” ao (re)conhecimento do sagrado. São esses caminhos: o mundo, mediante a contemplação de sua beleza e sua ordenação; o homem, por meio da reflexão sobre sua sede de infinito; e a vida da fé “que não teme mostrar-se na vida cotidiana”. Sobre isso, na audiência o atual papa emérito assegura que “o Cristianismo, antes de uma moral ou de uma ética, é o acontecimento do amor, é o acolhimento da pessoa de Jesus” (Ibidem).

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121128_po.html

¹⁸ BENTO XVI. *Os caminhos para chegar ao conhecimento de Deus*. Vaticano: 2012. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114_po.html

Daí nós depreendemos que a força e o sucesso da transmissão do conteúdo da fé estão justamente na sua integridade e na concretude de sua vivência autêntica, que oferece uma alternativa real ao contexto de nosso tempo virtual. Nessa linha de pensamento, o papa Bento XVI, mediante o documento *Porta Fidei*, implementou o Ano da Fé, que começou no dia 11 de outubro de 2012, data do 50º aniversário de abertura do Concílio Vaticano II, e se concluirá no dia 24 de novembro de 2013, na Solenidade de Jesus Cristo Rei do Universo. Já no princípio do documento, as palavras de Bento XVI são significativas para o presente trabalho:

A PORTA DA FÉ (cf. At 14, 27), que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja, está sempre aberta para nós. É possível cruzar este limiar, quando a Palavra de Deus é anunciada e o coração se deixa plasmar pela graça que transforma. Atravessar esta porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira.

No entanto, recordando as palavras de são Paulo em uma de suas cartas à comunidade cristã de Corinto¹⁹, Bento XVI destaca no documento *Porta Fidei* a relação íntima e necessária entre a Fé e a Caridade. Na oportunidade, o pontífice confirma no tópico 14 que “a fé sem a caridade não dá fruto, e [que] a caridade sem a fé seria um sentimento constantemente à mercê da dúvida. Fé e caridade reclamam-se mutuamente”²⁰. E aí está, portanto, a chave maior para a Evangelização da sociedade pós-moderna: além de reafirmar o corpo e a identidade da Fé, acima de tudo postar no exercício real da Caridade, o extremo oposto da eficácia imediatista, e também na Esperança, que não vê o sofrimento como empecilho para o sucesso maior, nem a morte como aniquilação da natureza humana. Essa orientação é confirmada pela vida dos santos, como a do jovem beato italiano Pier Giorgio Frassati, escolhido como um dos patronos da XXVIII Jornada Mundial da Juventude (JMJ 2013), nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro:

No mundo que se afastou de Deus, falta a paz, mas também falta a Caridade, ou seja, o Amor verdadeiro e perfeito. Não há nada mais belo do que a Caridade. De fato, a fé e a esperança cessam com a nossa morte, mas o Amor dura eternamente, e até creio que será mais vivo na outra vida.²¹

Nesse sentido, Bento XVI dedicou esforços à preparação de uma trilogia de encíclicas em torno das três chamadas virtudes teológicas: Fé, Esperança e Caridade. Mediante a sua *Deus Caritas est* (2005), *Caritas in Veritate* (2009) e, enfim, a *Lumen Fidei*, concluída em 2013 pelo

¹⁹ 1 Coríntios 13, 13: «Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade; mas a maior de todas é a caridade»

²⁰ BENTO XVI. *Carta Apostólica Porta Fidei*. São Paulo: Paulus, 2011.

²¹ FRASSATI, Pier Giorgio. *Das Cartas de Pier Giorgio Frassati*. Disponível em: http://www.piergiorgio.com.br/?page_id=16. Acessado em março de 2013.

papa Francisco, o pontífice reafirmou os fundamentos da Igreja Católica e da civilização ocidental. Com efeito, quando a tradição e a origem estão profundamente ignoradas, ameaçando a possibilidade de um diálogo, torna-se mister investir naquilo que é mais necessário, por um lado, e mais diferencial, por outro, recuperando a originalidade evangélica. Confirma-o frei Raniero Cantalamessa, pregador da Casa Pontifícia:

A nossa situação voltou a ser a mesma que no tempo dos apóstolos. Eles tinham diante de si um mundo pré-cristão para evangelizar; nós temos diante de nós [...] um mundo pós-cristão para evangelizar. Devemos voltar para o método deles, trazer à luz «a espada do Espírito», que é o anúncio, em Espírito e poder, de Cristo morto pelos nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação (cfr. Rm 4,25).²²

Com efeito, a nosso ver, Jesus Cristo mostra-se, nos Evangelhos, um exímio comunicador. Segundo os primeiros relatos cristãos, ao longo de sua vida pública, Cristo serviu-se de vocabulário, figuras e estórias (*parábolas*) simples e acessíveis para expressar um conhecimento sobrenatural e uma lógica amorosa inédita. Nesse sentido, portanto, se o objetivo é conquistar, é essencial orientar a forma da comunicação conforme o receptor, estratégia chamada Posicionamento. No entanto, faz-se necessária a coerência profunda com aquilo que se vive. Tal coerência foi elevada ao máximo grau no episódio da Crucificação, quando Jesus sofreu as consequências extremas de sua obediência àquele ao qual chamou de Pai.

Nesse sentido, Jesus Cristo atraiu com a forma e conquistou com o conteúdo. A forma são as parábolas, a firmeza, a proximidade eloquente, a convivência e os gestos simples (porém radicais) do cotidiano, com os quais toda pessoa se identifica, muito mais o povo iletrado, de cultura essencialmente oral. O conteúdo é o aspecto místico: a Vida Eterna, a promessa de Felicidade, a Caridade, o Espírito Paráclito. Conteúdo que não se sustentaria, se não houvesse correspondência à altura.

3.2.1. *Passos rumo à Nova Evangelização*

“A cultura das redes sociais e as mudanças nas formas e estilos da comunicação colocam sérios desafios àqueles que querem falar de verdades e valores”

Papa Bento XVI, 24/01/13,
Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais²³

²² CANTALAMESSA, Raniero. *Primeira Pregação do Advento*, 07/12/12. Disponível em: <http://noticias.cancaoнова.com/noticia.php?id=288036>. Acesso em março de 2013.

²³ Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day_po.html

“Não basta apenas dispor de meios ou de um treinamento profissional;
é preciso uma formação cultural, doutrinal e espiritual”
Joana Puntel, p. 154

Numa sociedade em constante mudança, se o conteúdo da mensagem não muda (no caso, o Evangelho), a forma de comunicá-lo pode ser certamente flexível. A nosso ver, o limite para essa flexibilidade de comunicação é determinado pelo próprio conteúdo comunicado. Ou seja, a forma de comunicação não deve ser contraditória com o conteúdo transmitido. Isso significa, por exemplo, que, para tratar de fraternidade, é impossível usar a crueldade. Para se falar da liberdade, direitos e regras, o limite é o respeito aos direitos de expressão e decisão individual. Em contrapartida, é lógico o conceito de que a tolerância não tolera a intolerância. Isso nos move a pensar que, ao mesmo tempo em que a Igreja, enquanto depositária de um corpo de mandamentos defensores da caridade, não pode ferir a liberdade, da mesma forma que também não pode se omitir de proferir seus pareceres.

Se à primeira vista os itens apresentados acima são no mínimo um desafio definido por concepções ideais, temos a opinião de que são mais um incentivo seguro para o aperfeiçoamento da comunicação religiosa do que um obstáculo intransponível, e essa flexibilidade nas formas de comunicação seria mais ampla do que se pode imaginar. Num momento de prolífica publicação dos livros e revistas em geral, por exemplo, surge um desafio mais eloquente do que a publicação de Bíblias em linguagem coloquial, em que os pronomes *tu* e *vós* são substituídos por *você* e *vocês*. Vai além mesmo da divulgação das homilias pontifícias pela internet, inclusive em forma de vídeo. Envolve um esforço conjunto e criativo, mas, ao mesmo tempo, responsável e obediente perante a sabedoria de Deus num magistério bimilenar.

Sobre tal realidade, um dos pontos bem destacados pelo papa Bento XVI durante o seu pontificado foi a noção de que o Concílio Vaticano II, bem diferente de porventura não ter dado certo, sequer foi plenamente implementado, devido a interpretações errantes a seu respeito, sejam elas progressistas ou tradicionalistas. Em resposta, anunciou uma “hermenêutica da reforma” e da continuidade, a ser cultivada contra a “hermenêutica da ruptura”, que tende a dividir a história da Igreja entre pós-conciliar e pré-conciliar, e que, “não raro, pôde valer-se da simpatia dos *mass media* e também de uma parte da teologia moderna” para se manter²⁴. Nesse sentido, urge à Igreja como um todo a necessidade de, antes de tudo, recuperar o verdadeiro *espírito* do Concílio Vaticano II, e, assim, cumprir de

²⁴ DISCURSO NA APRESENTAÇÃO DOS VOTOS DE NATAL. Vaticano: 2005. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia_po.html

forma mais fidedigna aquilo que foi estabelecido em seus documentos após debates amplos, profundos e ecumênicos. Para isso, e visando o retorno à força da integridade da fé, o pontífice tomou algumas medidas significativas, como a fundação de um Ano da Fé, que incentiva inclusive o estudo do Catecismo e dos documentos conciliares, e a promoção de um Catecismo Jovem, ao qual já nos referimos oportunamente. Ambas as medidas carregam em si a intenção de fazer florescer na Igreja a sua capacidade hoje em grande parte latente, acordando seus membros para a sua consciência, identidade e responsabilidade como Igreja Católica, e despertando-os para a sua essência santa e missionária.

Parte dessa missão implica, portanto, o compromisso dos leigos, e não apenas dos sacerdotes. De fato, até o Concílio Vaticano II, por exemplo, havia determinada sensação de que Igreja se definia pelo clero, destacadamente os padres (presbíteros) e bispos (epíscopos). Com o Concílio, porém, enfatizou-se a noção ou consciência já existente de que a Igreja não se esgota no clero, mas abrange todo o corpo de fiéis, isto é, “Membros do Corpo de Místico de Cristo”, conforme I Cor XII, 12-14.

Também em relação aos diáconos²⁵ houve um movimento. Homens casados investidos ao primeiro grau do sacramento da Ordem, os mesmos não tiveram seu ministério inaugurado, mas restaurado e, por isso, redescoberto. No início da Igreja, logo após o advento de Pentecostes, foi se tornando mais e mais presente a figura dos diáconos. No princípio, os próprios apóstolos de Cristo administravam os sacramentos, faziam a caridade junto aos necessitados e pregavam oralmente o Evangelho. No entanto, na medida do desenvolvimento e crescimento da comunidade cristã, não apenas foram necessários mais homens incumbidos dessas tarefas, como também foi preciso dividir as funções de maneira ordenada, com homens “de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria” (At VI, 1-6). Surgiam, portanto, os diáconos, chefes de família que trabalhavam como servidores, fosse na caridade, fosse na pregação da palavra, além de prestarem suporte aos presbíteros. Sobre esse papel, diz, por exemplo, a Santa Sé²⁶:

O diaconato permanente, restaurado pelo Concílio Vaticano II em harmonia de continuidade com toda a Tradição e com os próprios desejos do Concílio de Trento, conheceu nestes últimos decênios, em muitos lugares, um forte impulso e produziu frutos prometedores, com vantagem para o trabalho urgente da nova evangelização.

²⁵ Em grego, ministro ou servidor. Diaconia significa serviço.

²⁶ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA & CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes*. Vaticano: 1998. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_31031998_directorium-diaconi_po.html

No início, a presença dos diáconos era forte. No entanto, com o passar dos anos, foram se reduzindo em número, até o total desaparecimento. Com o Concílio Vaticano II, no entanto, foi incentivado esse ressurgimento. E, não apenas isso, também foi vivamente encorajada a participação e o envolvimento dos assim chamados *leigos*, como dissemos acima, na missão eclesial de pregar o Evangelho a seu modo. Respeitada a hierarquia, os leigos têm passado de meros espectadores e coadjuvantes, nos últimos anos, para serem coparticipantes, como membros da Igreja na chamada obra da Redenção.

Unidos no Povo de Deus, e constituídos no corpo único de Cristo sob uma só cabeça, os leigos, sejam quais forem, todos são chamados a concorrer como membros vivos, com todas as forças que receberam da bondade do Criador e por graça do Redentor, para o crescimento da Igreja e sua contínua santificação. O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvadora da Igreja, e para ele todos são destinados pelo Senhor, por meio do Batismo e da Confirmação. E os sacramentos, sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam aquele amor para com Deus e para com os homens, que é a alma de todo o apostolado. Mas os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra (112). Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, «segundo a medida concedida por Cristo» (Ef. 4,7). (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 33)

De fato, a importância dos leigos não é apenas teórica. Embora com grande facilidade os padres ingressem como comunicadores no ambiente paroquial, no qual conseguem inclusive ser formadores de opinião, essa mesma penetrabilidade não existe em igual intensidade e quantidade fora dos muros paroquiais, onde perdem a autoridade no termo “padre”, antes mesmo de pronunciar o nome completo. Em que pese todo o sucesso constatado ao longo da Idade Média e também depois, hoje a credibilidade dos presbíteros dificilmente tem invadido o ambiente secular, cada vez mais cosmopolita e repleto de agentes comunicacionais contrários à religião e seus enunciados. Para isso também contribuem as notícias negativas envolvendo alguns padres, como os amplamente repercutidos casos de pedofilia.

É perceptível, por exemplo, a prática de variadas editoras, nos últimos tempos (isso já parece estar mudando nos últimos anos), de omitir a palavra “padre”, ou até mesmo a sua forma reduzida “pe.”, quando os autores das obras são sacerdotes. Tal atitude encontra justificativa na maior vendagem das publicações, ao ampliar o mercado de possíveis consumidores daqueles livros, uma vez que os leitores católicos, ao menos até há pouco tempo, não constituíam um mercado financeiramente vantajoso ou suficiente.

Diante dessa característica, mais do que uma dificuldade, de penetrabilidade dos sacerdotes no meio secular, cabe aos diáconos (de forma limitada) e aos leigos (de forma

abrangente), a tarefa de estabelecer uma comunicação religiosa fora dos ambientes paroquiais. Dessa forma, a Igreja espera ativamente dos mesmos fiéis uma atuação mais presente e vigorosa *fuori le mura* (fora dos muros), como “sal na terra e luz do mundo” (Mt V, 13-16). Sobre esse assunto trata inclusive a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici* do papa João Paulo II, de 1998, a respeito da vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo.

Essa realidade da economia da Comunicação Religiosa e da Evangelização nos possibilita reflexões interessantes acerca da eficiência nas formas de comunicar, as quais estão muito além dos formais ambientes ‘corporativos’ e dos documentos, que, por sua vez, precisam ser lidos. Uma dessas reflexões diz respeito à mecânica do “marketing boca a boca”, ou “marketing diz-que-diz”, ou “marketing de difusão”, ou “marketing viral”. De acordo com a matéria “E agora o marketing diz que diz”, da publicação *Business Week*, traduzida no jornal Valor Econômico e publicada em 2001, tal forma de propaganda, ou de propagação, tem a vantagem da grande eficácia na credibilidade, graças à proximidade entre locutor e interlocutor, e da forma perfeitamente adaptada a cada contexto (cultural, financeiro e espiritual). Além disso, conta com o baixíssimo custo, não obstante a valiosa credibilidade, a proximidade entre agentes envolvidos e a linguagem totalmente propícia.

Confirmando a informação, a comunicóloga e religiosa Joana Puntel discrimina três aspectos, ou modelos comunicacionais, presentes na história (PUNTEL, 2010, p. 145, 146, 147). Um deles é a comunicação dialógica presencial, por sua vez caracterizada pela interação face a face. O aspecto seguinte é aquele das mídias tradicionais de massa (cinema, rádio, televisão), identificado por uma comunicação altamente monológica e visando a uma ampla quantidade de receptores, discriminados grosseiramente. E o terceiro modelo é o da comunicação dialógica não presencial, possível na Aldeia Global, e no qual se combinam a relação dialógica e a mediação técnica. De acordo com ir. Joana Puntel, no entanto, o modelo mais proveitoso quanto à qualidade das trocas é aquele presencial. Segundo ela, tal forma foi fundamental para a formação do pensamento humano e é a partir dele que surgiram os demais dois modelos, os quais procuram se aproximar o quanto possível da interação face a face, e que são, de certa forma, dependentes da repercussão daquele diálogo presencial.

Por outro lado, já contra certo boicote interno silencioso às manifestações da Santa Sé, verificado largamente durante o pontificado de Bento XVI e de João Paulo II, a internet tem se mostrado uma saída. Por ali, os fiéis têm acesso às mensagens públicas do atual

papa Francisco e outros pontífices, mediante o portal da própria Santa Sé, bem como a diversos documentos e constituições, além do Catecismo da Igreja Católica e seu Compêndio, as Audiências Gerais das quartas-feiras (Catequese), Homilias do Santo Padre, Cartas Encíclicas etc. Com efeito, necessitados de orientações oficiais e rigorosas num tempo de incertezas, fiéis compartilham fotos, frases e parágrafos nas redes sociais, atitudes que confirmam a urgência de firmar os católicos, sobretudo os jovens, com uma formação intelectual mais densa na fé e na razão. A eles, adverte o papa Francisco sobre a perenidade da fé frente às seduções do século:²⁷:

Olhai! A novidade de Deus não é como as inovações do mundo, que são todas provisórias, passam e procuram-se outras sem cessar. A novidade que Deus dá à nossa vida é definitiva; e não apenas no futuro quando estivermos com Ele, mas já hoje: Deus está a fazer novas todas as coisas, o Espírito Santo transforma-nos verdadeiramente e, através de nós, quer transformar também o mundo onde vivemos.

Com isso, papa Francisco significa que a Boa Nova é antiga e sempre a mesma, mas também é sempre nova e diferente. O mundo e o homem se modificam a todo instante, mas permanecem desde sempre os mesmos em suas estruturas mais profundas. Enquanto isso, alvo do próprio niilismo, inspirado em Nietzsche, o ser humano pós-moderno padece diante dos episódios de sofrimento: ainda que o relativismo de nosso tempo duvide da verdade, os infortúnios de cada indivíduo permanecem desconcertantes. Com efeito, entre as patologias de nosso tempo, estão a ansiedade e a hipertensão, o estresse e a depressão. Dentro de um contexto ateu ou relativista, que nada espera da morte além do nada, o sofrimento facilmente torna-se desespero (FAITANIN, 2007, p. 27). Entrementes, para Francisco, a hierarquia dos paradigmas hodiernos é um sinal de incoerência: “se os investimentos nos bancos caem, é uma tragédia. Mas se as pessoas morrem de fome, não têm o que comer ou não têm saúde, não é um problema! Esta é a nossa crise de hoje!”²⁸.

Autor dessas palavras e atitudes características já no início de seu pontificado, é interessante notar que o papa Francisco une as características franciscanas – como destaque aos pobres, ternura, simpatia e acolhimento – com aspectos jesuítas, tendo se vinculado à própria congregação de santo Inácio de Loyola, a companhia de Jesus, caracterizada pela austeridade e pelas ousadas iniciativas missionárias na Evangelização. Ambos são conhecidos pelo

²⁷ Homilia no V Domingo de Páscoa. Vaticano: 2013. Disponível em:

<http://www.zenit.org/pt/articles/a-novidade-de-deus-nao-e-como-as-inovacoes-do-mundo>. Acesso em maio de 2013

²⁸ Vigília de Pentecostes. Vaticano: 18 de maio de 2013. Disponível em:

http://pt.radiovaticana.va/news/2013/05/19/vig%C3%ADlia_de_pentecostes:_tocar_no_corpo_do_pobre_%C3%A9_tocar_no_corpo_d/bra-693522. Acesso em maio de 2013.

despojamento. Além disso, tanto são Francisco de Assis, quanto santo Inácio de Loyola tiveram grande importância na história da Igreja como insuspeitos reformadores em momentos particularmente críticos. Isso se deu mediante uma transformação interior, sobre o que nos fala o então cardeal Joseph Ratzinger, em “Diálogos sobre a Fé”:

Reforma verdadeira não significa tanto um atarefar-se para erigir novas fachadas, mas sim procurar fazer desaparecer – por todos os modos, na maior medida do possível – aquilo que é nosso, para que apareça melhor o que é do Cristo. É uma verdade que os santos conhecem bem. Eles realmente reformaram a Igreja profundamente, não elaborando planos para novas estruturas, mas reformando-se a si mesmos (RATZINGER, 1985, p. 44).

Com efeito, o papa jesuíta franciscano declara guerra àquilo que publicamente já denominou “cultura do descartável”:

Esta ‘cultura do descartável’ tende a se transformar na mentalidade comum, que contagia a todos. A vida humana, a pessoa não são mais consideradas como valor primário a respeitar e cuidar, especialmente se é pobre ou deficiente, [ou] se não serve ainda – como o nascituro –, ou se não serve mais – como o idoso.²⁹

Esse seria mais um traço da cultura que, por sua vez, o pontífice anterior já identificava como “ditadura do relativismo”³⁰, a qual rejeita os valores objetivos, como a dignidade da vida humana. Tais observações não são novas, e vêm sendo apontada nos últimos anos por diversos agentes eclesiais. Contra tal cultura, tem muita importância no Brasil a pessoa de monsenhor Jonas Abib, fundador da Comunidade Católica Canção Nova, em seu papel no quadro da comunicação católica. Apesar das dificuldades enfrentadas no início, no que diz respeito à aceitação de uma nova maneira de “Anunciar” e as desconfianças compreensíveis dos católicos ortodoxos diante da Renovação Carismática, foi possível existir uma Comunidade reconhecida pela Santa Sé cujo carisma, ou sinal, é exatamente a Evangelização pelos meios de comunicação. Espalhados por todo o Brasil, homens e mulheres consagrados em vários níveis a Deus doam suas vidas em prol dessa missão. De fato, o slogan da Canção Nova é: “Nossa Missão é Evangelizar”.

Concomitantemente, leigos e outros padres deram início a formas de pregar o Evangelho sem paralelos evidentes na Igreja, às vezes pela existência de tecnologias inéditas. É o caso, por exemplo, de padre Léo, fundador da Comunidade Bethânia, voltada à recuperação de pessoas imersas no vício das drogas. Falecido em janeiro de 2007, aos 46

²⁹Disponível em:

http://www.vatican.va/holy_father/francesco/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130605_udienza-generale_po.html

³⁰ RATZINGER, Joseph. *Homilia na Missa Pro Eligendo Romano Pontifice*. Vaticano: 2005. Disponível em: http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html

anos, o sacerdote mineiro ficou conhecido entre os católicos brasileiros pelas pregações ao mesmo tempo ortodoxas – ao menos no campo da moral – e particularmente bem-humoradas, para não dizer tantas vezes cômicas. Piadas ilustrativas de situações simbólicas, reprimendas francas e uma larga porção de dramaturgia são marcas de suas palestras e homilias ainda hoje reprisadas na TV Canção Nova. Em seus últimos dias, já com seu câncer em fase terminal, quase cego e severamente modificado na aparência castigada pela doença, a aparição de padre Léo no maior evento de Cachoeira Paulista marcou o coração dos seus admiradores.

Outro exemplo, entre tantos outros, é o do padre Paulo Ricardo de Azevedo Jr. Seguindo a orientação do papa Bento XVI referente à Evangelização pelos meios digitais de comunicação, padre Paulo Ricardo há vinte anos investe na formação doutrinária ortodoxa, na fidelidade à Santa Sé e no desmascaramento de ideologias como a teologia da libertação. Apesar das condenações oficiais, essa espécie de marxismo cristão contagiou grande parte da Igreja, em seus leigos, religiosos, diáconos, padres e bispos, e ainda está bastante presente na forma de pensar e agir de muitos cristãos, principalmente das gerações mais anteriores. Ao propor um livramento de diversas formas de opressão social, a teologia da libertação levaria os fiéis a uma releitura amplamente equivocada da realidade. Essa visão materialista estaria, pouco a pouco, corroendo a Igreja por dentro, tornando-a mundana e submissa à maldade, mediante um esforço injusto para identificar-se com o mundo moderno, em prejuízo do Evangelho de Cristo.

Além disso, padre Paulo Ricardo aplica-se à denúncia e combate de uma espécie de pacifismo doentio, capaz de conduzir os cristãos a um comportamento omissivo diante das injustiças, porém camuflado de piedade. Por causa desse respeito humano, que teme dizer a verdade quando preciso, a Igreja estaria sendo gradativa e gravemente amordaçada.

De acordo com o padre Paulo Ricardo, a saída para a civilização ocidental inclui conservar a sabedoria de antes e de sempre, reunida e mantida sob o Magistério da Igreja. Diante da degradação e da corrupção generalizada, padre Paulo exorta as pessoas de boa vontade a educarem seus desejos, a confiarem plenamente em Deus e a acreditarem que a santidade não é lenda, mas uma possibilidade concreta, como o indicam a vida fartamente documentada de santos como são Pio de Pietrelcina.

4. CONCLUSÃO

Todas as mudanças verificadas ao longo da história, e até mesmo o fim anunciado da própria história no pós-modernismo, não tiveram o poder de alterar o íntimo do ser humano, o qual permanece o mesmo em suas necessidades mais básicas físicas e espirituais. Assim sendo, como dissemos, o homem ainda carece de elementos básicos e bem reais de subsistência, comunicação e convivência, por um lado, e continua incapaz de se satisfazer apenas com o mundo material, por outro. Em acréscimo, hoje como antes, as pessoas ainda se deparam com o fato inegável da mortalidade, física ou psíquica, e essa sentença concreta de morte permanece um dado inquietante para os materialistas e um acontecimento constrangedor para os relativistas. Entrementes, o homem ainda é movido por um profundo, ainda que às vezes escondido, desejo de eternidade.

Eis, portanto, um dos sucessos do conteúdo cristão ao longo de sua história. A mensagem evangélica, calcada na vida eterna aberta pela Cruz de Cristo e testada por milênios em diversas culturas, só chega até nós após se mostrar suficientemente eficaz por gerações. E, se o ser humano permanece intimamente o mesmo, certamente também as atuais gerações do século XXI constituem um público-alvo possível para a comunicação religiosa católica. A principal exigência é que essa mensagem permaneça fiel a si mesma, livre de ideologias estranhas, de maneira a conservar o seu diferencial de radicalidade, profundidade e universalidade, características de um conteúdo inaudito que se alastrou pelo mundo durante vinte séculos até os dias atuais.

Assim sendo, entre dos principais desafios para essa comunicação estão a ignorância religiosa, a superficialidade, o indiferentismo, o relativismo, e o materialismo. Diante desses obstáculos, a Santa Sé tem apostado na confirmação racional da fé. Nesse sentido, Bento XVI promulgou o chamado Ano da Fé e fez publicar o *Youcat*, ou Catecismo Jovem, voltado para a comunicação da fé às gerações supostamente imaculadas ideologicamente. Tais medidas consideram em si a necessidade de reafirmar as diretrizes do Concílio Vaticano II, mediante o estudo de seus documentos sob o espírito adequado, e recordar os pontos da doutrina católica, isto é: explicitar aquilo no qual a Igreja crê e aquilo em que ela não crê. Com isso, tende a suprir a lacuna das gerações imediatamente anteriores, as quais, seduzidas por diversos movimentos contrários à religião, não apenas abandonaram a Igreja como se lhe tornaram combatentes, em tantos casos por ignorância religiosa. Nesse sentido, a Jornada Mundial da Juventude também tem grande importância como um grande evento presencial e de proporções mundiais.

Entrementes, no campo mais técnico, a internet tem sido destacada como campo fértil e sedento de Evangelização. As múltiplas capacidades de tal meio multidirecional permitem o compartilhamento de conteúdos e formatos de uma forma jamais antes vista. Apesar disso, grande parte do planeta sequer possui acesso à plataforma virtual. Essa realidade reforça a importância de uma comunicação presencial, preponderante diante das formas virtuais, por assim dizer. Ainda hoje o diálogo face a face mantém seu valor, inclusive quanto ao testemunho religioso. A propósito, o próprio Cristianismo teve seu nascimento intimamente ligado a essa realidade, tão manifesta no espanto das mulheres de Jerusalém, quando da Ressurreição de Jesus; na exclamação de São Tomé à vista do Messias novamente; nas pregações dos apóstolos; e no testemunho de São João, o último dos apóstolos:

O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida, porque a vida se manifestou, e nós a temos visto; damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna, que estava no Pai e que se nos manifestou -, o que vimos e ouvimos nós vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. (I Jo I, 1-3)

Com efeito, segundo os papas Bento XVI e Francisco, uma Igreja evangelicamente diluída perde a eficácia da sua comunicação e passa a ser somente mais uma entidade filantrópica ou de militância. Verifica-se um posicionamento negativo, pois a instituição se iguala as instituições seculares, o que é incoerente com sua essência imutável. Daí a necessidade de preparar os cristãos de hoje, membros da Igreja de Cristo, para responderem, na Caridade, na Fé e na Esperança, ao nível das exigências de nosso tempo. A essa altura, parece-nos adequado reproduzir um trecho famoso da Primeira Carta de São Pedro, o primeiro papa, aos cristãos dispersos. Ele diz:

E quem vos há de fazer mal, se sois zelosos no bem? Mas, se sofreis por causa da justiça, bem-aventurados sois! Não tenhais medo nenhum deles, nem fiquis conturbados; antes, santificar a Cristo, o Senhor, em vossos corações, *estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede; fazei-o, porém, com mansidão e respeito, conservando a vossa boa consciência*, para que, se em alguma coisa sois difamados, sejam confundidos aqueles que ultrajam o vosso bom comportamento em Cristo. (grifo nosso)

Diante disso e todo o mais exposto, é a afirmação de Bento XVI, em entrevista concedida para o documentário chamado *Bells of Europe – Sinos da Europa: uma viagem na fé através da Europa*³¹, em 2012:

³¹ Entrevista disponível em:
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2012/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20121015_bells-of-europe_po.html

A primeira razão da minha esperança consiste no fato de que o desejo de Deus, a busca de Deus, está profundamente escrita em cada alma e não pode desaparecer. Sem dúvida, por um certo tempo, podemos esquecer Deus, deixá-lo de lado, ocupar-nos de outros assuntos, mas Deus nunca desaparece. É simplesmente verdade o que diz santo Agostinho, que nós homens estamos inquietos enquanto não encontramos Deus. Esta inquietude existe também hoje. É a esperança de que o homem, sempre de novo, inclusive hoje, se ponha a caminho rumo a este Deus.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Jonas. *Canção Nova, uma obra de Deus: nossa história, identidade e missão*. São Paulo: Canção Nova, 2008.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.

AGOSTINHO. Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997.

ANTUNES, Laura et aliae. O milagre da comunicação. *O Globo*: 11 jul. 2013. Disponível em: <<https://conteudoclipppingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2013/7/11/o-milagre-da-comunicacao>>. Acessado em 11 de julho de 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001. Disponível em: http://www.lettras.ufrj.br/veralima/historia_arte/Hilario-Franco-Jr-A-Idade-Media-PDF.pdf

AQUINO, Tomás. *A Suma Teológica*. Disponível em: <http://sumateologica.wordpress.com/download/>

BECKETT, Wendy. *História da Pintura*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

BENNETT, Roy. *Uma breve história da música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BENTO XVI. *Luz do mundo: o Papa, a Igreja e os sinais dos tempos, uma conversa com Peter Seewald*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BENTO XVI. *Carta Apostólica Porta Fidei*. São Paulo: Paulus, 2011.

BENTO XVI. Catequeses do Ano da Fé. Disponíveis em: http://www.vatican.va/special/annus_fidei/index_catechesi_annus-fidei_po.htm

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Guternberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BRITTO, Claudia. Arquidiocese do Rio recebe doação de 50 mil exemplares do Youcat para a juventude. *Jornal Testemunho de Fé*, 10 de maio de 2013. Disponível em: <<http://www.rio2013.com/pt/noticias/detalhes/1992/arquidiocese-do-rio-recebe-doacao-de-50-mil-exemplares-do-youcat-para-a-juventude>>. Acesso em: 04 de maio de 2013

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CENCI, Federico. Femicídio: uma culpa da revolução sexual. *Agência Zenit*: 26 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.zenit.org/pt/articles/femicidio-uma-culpa-da-revolucao-sexual>>. Acesso em junho de 2013

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2005.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*. Vaticano: 1964. Disponível em:
<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>

FAITANIN, Paulo. *O Valor do Sofrimento: uma leitura a partir de Santo Tomás de Aquino*. Cadernos do Aquinate. Niterói: 2007.

FRANCISCO. Catequeses do Ano da Fé. Disponíveis em:
<http://www.vatican.va/special/annus_fidei/index_catechesi_annus-fidei_po.htm>

FRANCISCO. Carta Encíclica *Lumen Fidei*. Vaticano: 2013. Disponível em:
http://www.vatican.va/holy_father/francesco/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei_po.html

GRINGS, Dom Dadeus. *O apóstolo Paulo*. Cartilha de Evangelização Paulina, 2ª Edição. Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. 2008-2009

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2011: acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000012962305122013234016242127.pdf>>

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Christifideles Laici*. Vaticano, 1998.
Disponível em:
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici_po.html

JOSEPH, Ratzinger. *Diálogos sobre a Fé: entrevistas realizadas por Vittorio Messori*. Portugal: Verbo, 1985.

KERMOUCH, Gerry; GREEN, Jeff. E agora o marketing diz que diz. *Bussiness Week*. In: *Jornal Valor Econômico*, 25 de julho de 2001.

LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social*. São Paulo: Cortez, 2006.

LÖWY, Michael. Marxismo e religião: ópio do povo? *Combate.info: associação política socialista revolucionária*. Disponível em:
<http://combate.info/index.php?option=com_content&task=view&id=40&Itemid=41>

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 1844. Disponível em:
<http://www.lusosofia.net/textos/marx_karl_para_a_critica_da_filosofia_do_direito_de_hegel.pdf>

McLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

MEDEIROS, Sílvio. Bento XVI e o jornalismo arregão. *Gazeta do Povo*, 20 de fevereiro de 2013.

MONDIN, Battista. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. São Paulo: Paulus, 2006.

OLIVEIRA, Myriam de. *Arte no Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII*. In: OLIVEIRA, Myriam de; PEREIRA, Sonia; LUZ, Angela da. *História da arte no Brasil: textos de síntese*. Rio de Janeiro, UFRJ: 2008.

PUNTEL, Joana T. *Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática*. São Paulo: Paulinas, 2010.

MAGALHÃES, Roberto Carvalho de. *O Grande Livro da Arte*. Tradução de Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

RATZINGER, Joseph. *Compreender a Igreja hoje: vocação para a comunhão*. Petrópolis: Vozes, 1992.

SALES, Eugênio de Araújo. *Viver a fé em um mundo a construir*. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 1991.

SILVA, Gabriel Machado Rodrigues da. *Os meios de comunicação na Igreja Católica: novos rumos e uma Canção Nova*. Orientador: Marcio Tavares d'Amaral. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2009. Monografia em Jornalismo.

SOUZA, Vanderlúcio. Católicos confirmam apoio à Igreja em página do Fantástico. Portal O Povo, Fortaleza: 5 de maio de 2013. Disponível em:

<<http://blog.opovo.com.br/ancoradouro/catolicos-confirmam-apoio-a-igreja-em-pagina-do-fantastico/>>

VICENTINO, Cláudio. *História Geral*. São Paulo: Scipione, 2001.

VIEIRA, Priscila. *Entre o claustro e o portal: análise da inserção na Internet de mosteiros da Congregação Beneditina do Brasil e suas implicações culturais na contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010.

VIERA, Antonio. *Sermão de São Roque*, 1644. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000011pdf.pdf>>

WIERMANN, Elisa. *Apreciação Musical: módulo I do Curso de Cultura Artística*. Rio de Janeiro: Colégio de São Bento, 2004.

YOUCAT Brasil. São Paulo: Paulus, 2013

Websites:

Agência Zenit de notícias: www.zenit.org

A Santa Sé / Vaticano: www.vatican.va

As Sementes (blog): www.assementes.org

Bíblia Católica Online: <http://www.bibliacatolica.com.br/>

Canal Mídia Sem Máscara: www.youtube.com/CanalMSM

Canção Nova: <http://www.cancaonova.com/>

Jornada Mundial da Juventude Rio 2013: www.rio2013.com

Padre Paulo Ricardo de Azevedo Jr.: www.padrepauloricardo.org

P.Q.P. Bach: <http://pqpbach.sul21.com.br/>

Prof. Dr. Ricardo da Costa: [www.youtube.com/ MrRicardodaCosta](http://www.youtube.com/MrRicardodaCosta)

Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org>